

Moacyr Scliar

A GUERRA NO BOM FIM



L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Moacyr Scliar

**A GUERRA NO
BOM FIM**



L&PM POCKET





MOACYR SCLAR

**A GUERRA
NO BOM FIM**

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

onsideremos o Bom Fim um país – um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre. Limita-se, ao norte, com as colinas dos Moinhos de Ventos; a oeste, com o centro da cidade; a leste, com a Colônia Africana e mais adiante Petrópolis e as Três Figueiras; ao sul, com a Várzea, da qual é separado pela Avenida Oswaldo Aranha. Em 1943 a região da Várzea, já saneada, estava transformada num parque – a Redenção –, no centro do qual a Polícia tinha estabelecido um pequeno forte; fora dessa ilha de segurança as noites na Redenção eram perigosas, especialmente no inverno, quando a cerração invadia aquelas terras baixas. Verdadeiro mar, onde, a espaços, boiavam tênues globos de luz.

Durante o dia, via-se ali o vulcão extinto. A árvore petrificada. A Casa Chinesa. Ciprestes sobre o lago. Barcos. Poço dos jacarés. Ruínas de antigas civilizações; entre elas, meio ocultos, os ariscos pederastas. As garças e as capivaras. Búfalos. Uma harpia. O lago das carpas vorazes. E aos domingos: soldados de farda amarela, empregadas com sombrinhas, vendedores de pipoca. Junto à estação dos barcos tocava a banda do Exército da Salvação, tendo escrito no mastro de seu estandarte: A FERRO E FOGO. Ali um homem de barba se atirou ao chão, chorando e gritando: “Fui um pecador, me arrependo”. Quanto à avenida, por ela passavam os bondes: Petrópolis, Gasômetro, Escola, J. Abott. Poucos automóveis trafegavam pelas ruas do Bom Fim, quase todos a gasogênio: estava-se em guerra, a gasolina era escassa.

Madrugada de inverno. A cerração subia da Várzea e invadia o Bom Fim. As pombas passeavam no leito da rua, bicando grãos caídos entre as pedras. Passava a carrocinha do leiteiro João, passava a carroça do padeiro Shime. As pombas alçavam um vôo curto e pousavam adiante.

Havia guerra na Europa, mas a hora era de calma no Bom Fim. Os grandes negros da Colônia Africana ainda dormiam, ressonando forte e cheirando a cachaça. Três mulatas dormiam dilatando as narinas com volúpia. As gordas avós judias dormiam, os pálidos judeuzinhos dormiam, de boca aberta e respiração ruidosa por causa das adenóides. As mães judias dormiam seu sono leve e intranquilo. Os pais judeus dormiam; logo acordariam e iriam, bocejando, acender os fogões de lenha, tossindo e lacrimejando quando as achas úmidas começassem a desprender fumaça. Às cinco da manhã o velho Leão se mexia na cama e gemia: “Oi. Oi, oi, oi. Oi”. Levantava-se, ia até a porta da cozinha e urinava na terra observando com olhos remelentos o fino jato que desprendia vapor e aos poucos se transformava num melancólico gotejar.

A água fervia na chaleira de ferro esmaltado. Samuel e seus vizinhos tomavam chimarrão. Isaac tomava o chimarrão chupando balas de mel; Samuel ria, dizendo que para um gaúcho de verdade o mate devia ser amargo. Obe, o “Torto”, acreditava no chimarrão como diurético, Samuel usava-o como laxante. Passavam a cuia de mão em mão e sugavam o infuso quente pela mesma bomba – sem medo, porque o Dr. Finkelstein afirmava que o calor mata os micróbios.

Na cocheira ao lado da casa de Samuel a égua “Malke Tube” escarvava o chão, impaciente. As ruas do Bom Fim iam se enchendo de gente – mulheres enroladas em xales, regateando com os verdureiros e contando às vizinhas as últimas novidades; meninos de cabelos úmidos e nariz vermelho de frio, a caminho do colégio. Os mercadinhos exibiam caixotes de batatas e anúncios coloridos de *Guaraína*. Os vendedores de gravatas tomavam o bonde, para ir vender sua mercadoria na Praça Quinze.

O sol aquecia as calçadas molhadas, os sapateiros martelavam, os alfaiates costuravam, os marceneiros manejavam o serrote, o formão, a torquês, a goiva, a pua. Ao meio-dia os meninos voltavam do colégio, mas não entravam em casa; ficavam na rua, jogando pelas figurinhas de Carlitos e do Brocoió. Cabeças de mães emergiam das janelas, chamando os filhos para comer. Elas tinham feito um *borscht* muito bom, *kneidlech* com bastante *schmaltz*, excelente comida iídiche, única capaz de evitar a desnutrição que ameaçava os filhos do Bom Fim.

Depois do almoço o Bom Fim mergulhava em pasmaceira; aos poucos os meninos ressurgiam, dessa vez a caminho das aulas da tarde. Voltavam às cinco, entravam em casa correndo, jogavam as pastas a um canto e saíam para o futebol. Ao crepúsculo, uma luz mágica, dourada, iluminava o Bom Fim. Nesse bairro, nesse pequeno país, a esta luz, Chagall teria visto os violinistas em lento vôo sobre os telhados; eram quatro; três, quem seriam? O quarto era Nathan, filho de Samuel e Shendl e irmão de Joel; Nathan, que teve uma hemoptise tocando *A idische Mame* e caiu morto sobre a estante. Esses violinistas nunca mais foram vistos; desapareceram durante a guerra (seres de pouca velocidade, seriam alvo fácil para os *Stukas* e os *Messerschmitts*). O Bom Fim está hoje cheio de altos edifícios, mas nos desvãos que os separam é possível, em certas noites, ouvir-se sons de violino.

II

Em 1943 as noites eram negras. O país estava em guerra com a Alemanha e observava-se o *black-out*, furado de vez em quando pelos quinta-colunas que acendiam cigarros para dar aos *Stukas* e *Messerschmitts* a posição da defesa antiaérea no Bom Fim. Os nazistas estavam em toda parte; na Rua Fernandes Vieira foram descobertos numa fábrica de caramelos, que foi cercada e incendiada pelas tropas da Fernandes Vieira, grande quantidade de balas café com leite sendo capturada na ocasião.

Mas, em geral, as noites eram quietas; noites de inverno, ruas quase desertas. As famílias se reuniam em torno da mesa da cozinha. Um samovar fumegava. Tomava-se chá; comiam-se bolachas, *latkes*, sementes de girassol. Da Oswaldo Aranha vinha o pregão do vendedor de pinhões: pinhão quente, gritava ele, estáquentinho o pinhão. Contava-se uma história da Rússia, outra história da Rússia. A voz do vendedor de pinhões ia se extinguindo; só o abafado trovejar do bonde J. Abott e o longínquo latido do cão "Melâmpio" quebravam o silêncio. Os vizinhos se despediam, voltavam para suas casas caminhando encurvados na cerração. Hora de dormir – anunciava Samuel aos filhos. Joel e Nathan dormiam na mesma cama. Despiam-se lentamente, observando-se; Joel baixo, ruivo e sardento, Nathan pálido e magro.

Deitavam-se.

Nathan nunca dormia. Ficava quieto, de olhos muito abertos, fixos no forro de velhas tábuas, sobre o qual corria, gordo e ativo, um velho rato cinzento chamado "Mendl". Joel olhava o irmão, olhava o forro. Inquieto, sussurrava: "Dorme, Nathan. Dorme, irmão". Encostava a orelha no crânio do outro, e ouvia sons, notas fugazes.

Ao longe cruzavam-se os holofotes dos navios surtos no cais. Procuravam *Stukas* e *Messerschmitts*.

III

De madrugada, terminado o chimarrão, Samuel ia atrelar a égua “Malke Tube” à charrete. Não era tarefa fácil; voluntariosa, a égua negaceava sem cessar. Samuel tinha vontade de aplicar-lhe uns relhaços, mas temia machucar o animal. Contentava-se com praguejar em ídiche, enquanto prendia os arreios.

Chagall, o pintor dos violinistas flutuantes, era de Vitebsk, na Rússia. Samuel também era da Rússia. Pequeno ainda, viera com sua família para o Brasil. Como muitos outros judeus, que estavam cansados da miséria, da neve e dos *pogroms* da Rússia czarista. Marcos Yolovitch escreve a respeito: “Numa clara manhã de abril do ano de 19..., quando a estepe começava a reverdecer a entrada alegre da primavera, apareceram espalhados em Zagradowka, pequena e risonha aldeia russa da província de Kersan, lindíssimos prospectos, com ilustrações coloridas, descrevendo a excelência do clima, a fertilidade da terra, a riqueza e a variedade da fauna, a beleza e a exuberância da floresta, dum vasto e longínquo país da América, denominado – BRASIL –, onde uma empresa colonizadora israelita, intitulada *Jewish Colonization Association*, mais conhecida por JCA, proprietária duma grande área de terras duma fazenda chamada ‘Quatro Irmãos’, situada no município de Boa Vista do Erechim, Estado do Rio Grande do Sul, oferecia colônias, mediante vantajosas propostas, a quem quisesse se tornar lavrador”.

Leão, pai de Samuel, ganhou uma gleba na colônia de Filipson e lá construiu uma casa. Não foram felizes aqueles pioneiros. Leão era alfaiate; sabia manejar agulha e linha, não a enxada. Ia derrubar uma árvore – a árvore caía em cima dele. Botava fogo no mato – e quase queimava a própria casa. Nada dava certo. Os gafanhotos devoraram a primeira colheita, sua mulher foi picada por cobra, o filho mais velho teve apendicite e morreu. Leão começou a beber. A família deixou a colônia e veio de trem para Porto Alegre. De Filipson só traziam, num vagão de carga, a égua “Malke Tube”.

IV

A égua “Malke Tube” chamava-se antes “Maliciosa”...

Nascida numa estância, era muito linda – toda branca, ao redor do olho esquerdo tinha uma mancha preta que lhe dava um ar safado, daí o nome. Era realmente linda, realmente sensual. O estancieiro gostava dela; mandara construir-lhe uma cocheira especial, visitava-a seguido, acariciava-a, murmurando: “Maliciosa”, minha linda... Numa noite de luar o estancieiro acorda sobressaltado. Da cocheira vêm relinchos e sussurros abafados. Pula da cama, pega o revólver e abre a porta, a tempo de ver o peão, completamente pelado, correr da cocheira para o mato. Furioso, o estancieiro manda chicotear o peão e matar a égua. O capataz, encarregado de ambas as tarefas, cumpriu com gosto a primeira; mas, ao puxar o facão para sangrar a égua, bate-lhe o remorso; e, em vez de matá-la, vende-a ao fazendeiro Soares de Castro.

Este, homem destemido, monta na égua e sai a guerrear.

Forma-se o entrevero. Tinem as espadas, o cheiro de sangue enche o ar. Meio enlouquecida, “Maliciosa” recua ante os inimigos, atira ao chão o ginete e foge para uns matos. Furioso e humilhado, o guerreiro persegue-a de revólver na mão. Está disposto a liquidar de uma vez por todas a diabólica criatura.

Encontra a égua num bosquete. É noite e há luar... A égua é linda. Toda branca, apenas uma mancha brejeira em torno do olho que pisca, travesso. O homem ainda tem em suas veias a excitação da batalha. Sangue e amor... Desejo ardente... Sucumbe aos encantos da égua. Depois tomba numa macega, exausto. Adormece e sonha com centauros.

Silenciosamente a égua deixa-o. Livre, enfim, galopa pelos campos. Dias depois, faminta e suja de barro, chega a Filipson e abriga-se na estrebaria do velho Leão.

No outro dia o colono descobre-a. Cheio de alegria chama a família, rodeiam a égua que repousa sobre a palha. E um traz água,

e outro capim fresco, e outro lava-a. É a primeira dádiva que recebem; o velho Leão chora e agradece ao Todo-Poderoso. Batiza-a de "Malke Tube" e atrela-a na carroça. A égua resiste; seus olhos brilham de fúria; pateia a quem se aproxima. Finalmente o velho Leão perde a paciência e dá-lhe de relho. "Malke Tube" entrega-se.

Seis meses depois a família deixa Filipson e viaja para Porto Alegre. "Tube" vai junto, num vagão de carga, vendo fugir ao longe as coxilhas.

No Bom Fim a égua envelhece e perde o deboche. Puxa com resignação a charrete de Samuel. Mas seus olhos não perderam o antigo brilho; e à noite sonha com centauros.

V

Samuel. Samuel vendia a prestação. Instalado em sua charrete penetrava nos “poros da sociedade” (Marx). Ele e “Malke Tube” percorriam a cidade, da Colônia Africana ao sopé do Morro da Velha, galgando morros e saltando valos; suavam e levavam as últimas novidades para a clientela, gente desconfiada que falava pouco e guardava dinheiro debaixo do colchão. Samuel mostrava-lhes tecidos vistosos, despertava esperanças secretas. Sim, foi ele quem fez brilhar os olhos das três mulatas; vendeu-lhes vestidos rosa com flores verdes. Durante o dia elas ainda conservavam o recato; mas à noite levantavam-se sorrateiramente, vestiam-se e adornavam-se e, coquetes, miravam-se no espelho à luz de velas.

Samuel tirava de trás da orelha um toco de lápis, molhava-o na língua e anotava os pagamentos em cartões que prendia com um atilho de borracha e guardava no bolso da camisa. Depois passava o lenço na nuca avermelhada e conversava um pouco com os fregueses. Sabia das brigas das famílias, era convidado para batizados e casamentos. Uma vez transportou para o cemitério um caixão branco; continha o cadáver de uma criança de três anos, falecida de entupimento intestinal por vermes. Seguia-o, chorando alto, a família enlutada. Nesse dia “Malke Tube” estava de mau-humor. Seguidamente disparava, obrigando o cortejo fúnebre a segui-la correndo.

O trabalho não era fácil. Havia poeira, buracos, fregueses que não pagavam. Mas o pior eram os cães, os ferozes mastins do arrabalde, sempre latindo e arreganhando os dentes. Neles, Samuel cuspiu. Preparava entre a língua e o céu da boca uma dura bola de saliva e enviava-a com força de projétil. Foi assim – contava-se – que vazou o olho de um cão chamado “Melâmpio”. Aos gritos do cão, o proprietário, um cabo da Brigada, acudiu de revólver em punho. Samuel e “Malke Tube” fugiram cheios de remorso.

Esse cão, esse “Melâmpio”, odiava os judeus. Nas noites de inverno subia o morro e latia, o focinho apontando para o Bom Fim;

procurava atrair *Stukas* e *Messerschmitts* para a casa de Samuel.
Não conseguindo, ficava a uivar para a lua.

VI

De manhã Joel ia ao colégio. Descia de má vontade a Rua Fernandes Vieira, passando pelo armazém do “Chazan”, o terreno baldio, o sombrio palacete azul, a Padaria Três Estrelas. Chegava à esquina da Avenida Oswaldo Aranha e ficava olhando uma vitrina onde estavam expostos ex-votos. Joel olhava brancas cabeças de cera, pés e mãos, seios harmoniosamente modelados. De lá corria ao Cinema Baltimore para olhar os cartazes do filme que veria na matinê de domingo; sempre era de guerra e sempre era bom.

Finalmente chegava ao Colégio Iídiche: dois velhos casarões amarelos separados por um pátio poeirento. Ao fundo, mais um pátio e a casa da zeladora. No primeiro pátio formavam fila, ao som do Hino do Colégio. A Escola de Educação e Cultura, cantavam, traz na legenda o saber; amá-la é nossa ventura, etc. Fotografias daquele tempo mostram meninos sorrindo com bocas desdentadas, cabelo cortado à cadete ou com máquina zero; meninas de trança, saia azul e blusa branca. Todo mundo estava no Colégio Iídiche.

Todo mundo, menos Marcos.

Para os pais de Marcos o Colégio Iídiche deixava a desejar. Não ensinava o que era necessário para vencer na vida. Não propiciava boas relações. Colocaram Marcos num colégio bom, mas distante. Para chegar lá, Marcos tinha de atravessar a Avenida Oswaldo Aranha e tomar dois bondes; saía de casa às seis da manhã. Samuel ficava com pena dele e se oferecia para levá-lo na charrete. Marcos recusava tristemente. Seus pais nunca permitiriam que ele andasse de charrete. Eram amigos de dois deputados e de um vereador.

Aquele colégio era feito de sólida pedra cinzenta. Em sua aula, Marcos era o único judeu. O professor, um homem alto e loiro, de aguados olhos azuis, perguntava à classe, numa voz inexpressiva:

– E quem estava por trás da Companhia das Índias Ocidentais, que tantos males causou ao Brasil?

Ninguém sabia.

– Os judeus – revelava o professor.

Toda a classe se voltava para Marcos.

– E o que são os Protocolos dos Sábios de Sião? – perguntava o professor.

Ninguém sabia. Ele explicava.

Nos exames do meio do ano Marcos foi reprovado. Não voltou para casa. Desceu do bonde e ficou no Parque da Redenção. Caminhou pelas aléias, arrastando os sapatos no areão vermelho. Olhava o vulcão extinto, a Casa Chinesa, a árvore petrificada, os ciprestes, os barcos no lago, as vértebras de baleia, o poço dos jacarés, a Rosa-dos-Ventos, as ruínas de antigas civilizações. “Vem cá, judeuzinho” – disse um pederasta de lábios úmidos. Ele não respondeu e se afastou. Anoitecia. A névoa começava a invadir a Várzea. Sentado junto ao lago, Marcos fumou um cigarro inteiro. Depois, tirou da pasta um pacote de Pó Azul, do qual dizia o rádio que

Mata barata

ali na batata.

Provou. Era ruim e ele teve de tomar água do lago para poder engoli-lo, mas foi até o fim. Quando terminou fez do pacote um barco, que, colocado na água, navegou entre folhas secas, levado pela brisa.

Operários apressados atravessavam o parque, a caminho de casa. Três mulatas passaram rindo. Um polícia dirigia-se para o pequeno forte. Ninguém reparou em Marcos. Ele atirou a pasta no lago e deitou-se na grama, fitando o olho escarninho do sol poente. Uma espécie de secura apertou-lhe a garganta, desceu-lhe pelos braços e pernas que ficaram escuros e secos como patas de barata. E barata ele virou, uma barata grande que voava sobre o Bom Fim e olhava, divertida, o velório na Rua Felipe Camarão.

Dizem que esta história foi narrada, de maneira ligeiramente diferente, por um autor judeu chamado Franz Kafka. Dizem também

que ele era tcheco-slovaco, que morreu em 1924, que foi o escritor do absurdo e da alienação etc. É possível.

Mas também é possível que Franz Kafka tivesse morado na Rua Henrique Dias. Um menino magro, que falava pouco e aos domingos usava fatiote e gravata, corresponde aproximadamente à descrição desse Kafka. Do menino, sabe-se que não fazia parte de nenhuma trinca, não tinha funda, nem soltava pandorga; sabe-se mais que, agachado na calçada, contemplava formigas com ar absorto. E que jamais debochava do louco dossel. É possível que tenha passado despercebido no Colégio Iídiche, e, se não fumava, não colecionava figurinhas do Brocoió e não ia ao Cinema Baltimore nos domingos – quem saberia de sua existência? Talvez ele mesmo assim o desejasse. Estava-se em guerra e os pais dele falavam alemão. Essas coisas eram altamente suspeitas, então.

Quanto a Marcos, foi sepultado. Seus ossos soltaram a carne e secaram. Aos poucos foi esquecido. Dele, Joel e a turma lembravam somente uma brincadeira: deitava-se no chão e dizia: vou ficar aqui, como morto, cinco minutos. E depois se levantava e dizia: falta menos cinco minutos para morrer. A inteligência daquela criança! Admiravam-se os vizinhos. Infelizmente, morreu.

VII

No Bom Fim, Joel sentia-se como um Rei. Sentava-se displicentemente em seu trono, à sombra do cinamomo, rodeado de ministros: o das finanças, de olhinho esperto e riso matreiro; o da guerra, de olhar torvo; o chefe do serviço secreto, com o qual Joel conferenciava em voz baixa. Em volta, às cabriolas, movia-se a corte: dois gêmeos, um coxo, vários cachorros, um gato, um futuro deputado, muitos colorados. Mais ao longe, donzelas de risinho nervoso. Era Joel que elas admiravam, Rei e Capitão, terror dos nazistas.

Joel era baixo, ruivo e sardento. Uma vez mandou raspar os cabelos com máquina zero, na esperança de que eles nascessem pretos. Vieram mais vermelhos que nunca. E ele brigava quando o chamavam de "Fogareiro". Brigava muito, por isso também o chamavam de "Garnizé". Este apelido ele gostava menos ainda. Estava sempre de joelhos esfolados e não gostava de tomar banho. Muito pequeno, tivera convulsões – por causa dos vermes, segundo a mãe. Certa vez caíra sobre a chapa do fogão. Tinha na testa a cicatriz da queimadura. Quando se enfurecia ela ficava vermelha como a marca de Caim.

Tinha também seus temores. Temia a galinha do vizinho, uma carijó cruel, que tinha uma pata quebrada. Por causa desse medo riam dele e diziam que ele era cagão. Um dia, quando Joel entrava em sua casa pelos fundos, encontrou a galinha na porta da cozinha. Na própria casa de Joel! Olhava-o. Joel hesitou. Finalmente, desesperado, investiu contra a ave. Num vôo nervoso, ela subiu ao telhado. Joel apedrejava-a, gritando triunfante. A galinha tornou a voar, dessa vez para muito longe, para o mar, talvez.

Nunca mais foi vista.

Nathan voava habitualmente. Joel, não. Voou pouco, e só quando teve pneumonia. Nessa época ficou muito magro e fraco. A mãe não queria que ele saísse de casa; mas numa tarde chuvosa, às seis horas, Joel abriu a porta e saiu. Caminhou vagarosamente pelo

terreno baldio, os sapatos afundando na terra molhada. Galgou a custo um montículo que parecia uma mulher deitada; abriu os braços, jogou as pernas para trás e pronto, já estava voando sobre garrafas quebradas, panos sujos e jornais velhos. Mas não voava a mais de oitenta centímetros de altura e sua velocidade era lenta, mal dando para sentir um pouco de vento na barriga; desceu. Os pés correram sobre a terra, tropeçando em latas enferrujadas, e depois pararam. Joel voltou para casa. Combateria os nazis na terra e no mar, na praia e nas ruas. Não invejava o irmão que sabia voar; sua vocação era outra.

Nathan voava. Marcos deitava no chão e ficava quieto. Rafael estava sempre rabiscando em papel de pão. Alberto dava o cu. Dudi era filho do professor de hebraico.

Rute era quase homem, fumava. Raquel era meiga e tinha um álbum de recordações: "Quando folheares as páginas já amareladas deste relicário, recordar-te-ás da amiga..." Fantasiava-se de Rainha de Sabá: envolvia-se em véus e bailava, imaginando ardentemente o rosto trigueiro do Rei Salomão. Miguel, o manco, fazia contas de cabeça.

Joel? Não era bom em cálculos, nem voava. Nem dava o rabo. Nem era vesgo. Ria quando havia motivo para rir, chorava quando havia motivo para chorar. Ouvia histórias de sacanagem, pensava nelas, mas não perdia o sono. Dele, disse uma ocasião o Dr. Finkelstein: "O peso e a altura estão normais", e era verdade.

Joel tinha pena de Marcos, mas ninguém tinha pena de Joel. Nem havia por que ter pena. Uma vez declamou um verso na festa de fim de ano do Colégio Ídiche; só errou duas vezes e bateram palmas para ele. Uma vez apertou a mão do prefeito, que visitava a escola, mas oitenta outras crianças fizeram o mesmo. Odiava – mas não muito – sopa de massa. Gostava de bife, mas não era todo dia que tinha. Seus pais eram pobres. Quando lhe perguntavam se gostava de seu pai e de sua mãe, dizia: "Sim". Quis – durante uma semana – ser marinheiro. Na mesma semana seguinte desejou ser general. Na maior parte do tempo combatia os nazistas como capitão.

Jean sabia falar francês; ele *era* francês. Beto era vesgo. Era boa aquela turma...

Voltando do colégio, Joel jogava a pasta a um canto, pegava um pedaço de pão com manteiga e saía correndo para a rua:

– Turma, turma, turma!

– Joel, Joel, Joel! – respondia a turma.

Chefiada por Joel, Rei e Capitão, a turma ia para a Rua Felipe Camarão debochar do funileiro polonês.

O funileiro polonês estava sempre bêbado. Católico, o padre não o deixava entrar na igreja do Divino, porque cuspiam na pia de água benta e gritava que Jesus Cristo usara uma coroa de espinhos, enquanto o Papa usava uma de ouro. Joel e sua turma pulavam em torno do funileiro polonês, que jogava pedras, sem acertar.

– Judeus de uma figa! – gritava. – Os alemães vão fazer a peça em vocês! Já começaram, está bom? Já começaram. Estão fazendo sabãozinho de vocês. Estão assando vocês nos fornos, que nem galinhas depenadas. Que nem churrasco!

Joel ria, Beto ria, Dudi ria. Que nem churrasco! Riam.

O funileiro polonês ficava cada vez mais furioso.

– Estão botando a guasca no traseiro da mulher de vocês! E não botam na frente para não nascer filhos, para acabar de vez com a raça triste de vocês!

A turma ria. Como a turma ria! Ria Mário Finkelstein, filho do Dr. Finkelstein, que depois veio a se formar em Medicina, como o pai, e se tornou médico muito humanitário, dando aos clientes pobres amostras grátis e até dinheiro; ria Francisco Zukierkorn, que se formou em Engenharia e organizou a maior firma de construções da cidade; riam os irmãos Abrão e Moisés, que viriam a ser donos de várias lojas; ria Rubens, que foi para Israel morar em Eilat. Ria Motl Liberman, que depois se tornou dentista; ria Pedro, que fez duas vezes vestibular de Medicina, foi reprovado e depois se tornou dentista; ria Arnaldo, cujo sonho era ser dentista. Ria o Favinho, Fábio Blumenfeld – anos depois contrabandista. Por enquanto ria. Se

abraçavam uns aos outros e riam, se davam tapas nas costas e riam, rolavam no chão de tanto rir.

O alfaiate Chaim Iankel saiu de casa e deu uns tapas no funileiro polonês, que, a esta altura, também ria, sem saber por quê. Dormia ao relento e morreu congelado naquele inverno.

Na Europa, a guerra prosseguia em todas as frentes.

VIII

Batidos em Stalingrado e na Sicília, com problemas de abastecimento e ameaçados na África, os alemães se voltaram para o Bom Fim,

Este pequeno país estava de pé e mobilizado, sob as ordens do Rei Joel. Um ataque frontal não seria possível. A quinta-coluna entrou em ação.

Aconteceu na festa do Divino...

Todos os anos, no inverno, a igreja do Divino cobria-se de luzes coloridas, que, ora acendendo-se, ora apagando-se, formavam complicados desenhos. E, sobre a grande porta, a pombinha branca, símbolo do Divino Espírito Santo, abria e fechava suas asas de lâmpadas.

No largo, diante da igreja, uma alegre multidão percorria as tendas. Havia rifas e sorteios, carrossel e uma roda-gigante.

Foi nessa que os nazistas concentraram seu ódio.

Uma noite, cerca das vinte horas, quando mais intenso era o movimento de populares na quermesse, ouviram-se duas explosões. A roda-gigante parou; toda sua enorme estrutura de aço estremeceu; subitamente liberou-se dos mancais e avançou pelo parque, esmagando tómbolas e tendas, soldados e empregadas, atravessou a Oswaldo Aranha com ruído infernal e começou a subir a Fernandes Vieira.

Alertados pelo barulho, Joel e sua turma vieram correndo da Henrique Dias. O que viram deixou-os horrorizados. Tendo avançado quase até o meio da lomba, a roda-gigante começava a voltar, os aterrorizados passageiros agarrados aos raios. Não perderam tempo. Com tábuas e pedras tiradas de uma obra construíram às pressas uma espécie de trampolim à altura da Padaria Três Estrelas. Nesse meio tempo a roda voltara a adquirir velocidade e descia estrondeando pelo leito de pedras irregulares da Rua Fernandes

Vieira. Ao alcançar o trampolim, tal como estava previsto, tomou impulso e subiu na noite estrelada!

Por um momento Joel conteve a respiração. Mas o cálculo da inclinação (feito por Miguel, o Manco, que depois veio a ser professor de cálculo infinitesimal na Universidade de Stanford) estava correto: a roda descreveu uma grande curva no ar, passou sobre os fios do bonde e foi se encaixar, com estrépito, nos mancais de onde saíra; o golpe foi forte, mas a estrutura agüentou.

O povo aplaudiu Joel e seus valentes; e, removidos os cadáveres e escombros, o Parque voltou à atividade, com os alto-falantes irradiando ternas mensagens de amor e músicas marciais. Assim era a Festa do Divino.

O acontecimento mostrou que o inimigo já estava no coração do Bom Fim. A revista *Em Guarda* chamava a atenção para este ponto. O nazismo era mostrado como uma serpente atravessada por um ferro empunhado por uma mão onde estavam desenhadas as bandeirinhas das Américas. A revista *Em Guarda* era encontrada nas salas de espera de todos os médicos, dentistas e barbeiros do Bom Fim, de modo que ninguém podia ignorar a advertência. Contudo, nessa mesma figura via-se sangue esguichando da serpente nazista: ela não era imortal. Ela podia ser vencida. *Gibi Mensal*, *Globo Juvenil*, Cinema Baltimore, Cinema Rio Branco provavam isso constantemente.

O importante era vigiar os espiões.

O casal Schmidt.

O casal Schmidt morava na Rua Fernandes Vieira, quase na esquina com a Avenida Independência, num ponto estratégico: a fronteira norte do Bom Fim. O homem era alto e empertigado e não falava com ninguém. O relatório do Serviço Secreto chamava a atenção sobre a bengala com castão de prata – certamente uma arma disfarçada – e o modo de andar, a passos lentos, voltando-se constantemente, e olhando para trás, tudo típico de um espião.

A mulher era loira e fumava. Pintava a boca de escarlate. Recebia outros espiões em várias horas do dia. Essa mulher, essa *frau*,

odiava o marido. Muitas vezes, da rua, a turma ouvia seus gritos irados. Os espiões não têm paz; envenenam-se com a própria peçonha.

O homem morreu em circunstâncias misteriosas no verão de 1944; a mulher vendeu a casa e foi para Torres bronzear-se ao sol. Sua partida livrou o Bom Fim do ninho de espiões; no dia em que ela embarcou num carro de praça carregado de malas, Joel e seus amigos, sentados na calçada, cantaram:[1]

Frau Schmidt

Vai à praia

Seu marido

Não vai junto

Frau Schmidt

Está contente

Seu marido

É um defunto!

[1]Com a música da canção "Micky Messer", Ópera de Três Vinténs, de B. Brecht e Kurt Weill.

IX

Nas fronteiras do Bom Fim a situação era sempre perigosa. Além dos nazistas, as turmas das Ruas Esperança, Cabral, São Manoel e Mariante enfrentavam constantemente o assédio dos poderosos negros da Colônia Africana. Acabaram por se defrontar num jogo de futebol que se realizou no território neutro do Campo do Pólo, ao sul do Bom Fim. A partida não terminou; interrompida por brigas, terminou numa batalha de bosta. A munição, abundante, era fornecida pela égua “Malke Tube” e outros muares que ali pastavam – no terreno onde depois seria construído o Hospital de Clínicas. Bombardeados com esterco seco, os defensores do Bom Fim ainda resistiram; quando os inimigos passaram a usar as bolas ainda úmidas e fumegantes, bateram em retirada. Era mais fácil enfrentar nazistas. Os negros riam e prometiam fazer churrasco de judeuzinho. Eram malvados, aqueles negros.

Não o negrão Macumba.

O negrão Macumba surgiu nos fundos da casa de Joel depois das grandes chuvas que precederam a festa de *Pessach*. O quintal estava transformado num verdadeiro mar, um grande mar de águas barrentas; e foi através desse mar que Shendl, a mãe de Joel, viu certa manhã o negro Macumba. Estava de pé, parado.

Era enorme e tinha um serrote na mão; pareceu a Shendl tão ameaçador quanto o Faraó o era para os judeus no Egito.

Macumba. Diante do mar, insensível aos flagelos: gafanhotos e rãs que pulavam sobre ele, úlceras que se abriam em seu corpo, sangue que corria de uma ferida em sua cabeça.

– Vai embora, malvado! – gritava Shendl enfurecida. – Sai daqui, assassino! Tuas mãos estão sujas de sangue de judeus!

Tinha na mão uma faca, a grande faca *Kasher* que seria usada para preparar os alimentos de Páscoa; empunhava-a como um

gládio, disposta a profaná-la, a matar o negro com ela, para defender sua casa, seu marido, seus filhos.

Lentamente o negro atravessou o quintal, caminhando na direção dela. As águas avermelhadas se abriam à sua passagem. Em vão Shendl recorria às poderosas pragas judaicas:[2] Que te vires em cebola, cabeça enterrada na lama e corpo ao vento; que te vires em cigarro, molhado de cuspe numa ponta e queimando na outra; que te tornes um candeeiro, pendurado de dia e ardendo à noite...

Macumba respondeu com uma saudação gentil. Perguntou se não havia lenha para serrar; havia, e ele serrou, muita lenha por um pouco de pão. Voltou muitas vezes depois, porque arranjava um emprego numa construção da Rua Henrique Dias. Nunca devorou ninguém. Ao contrário, era inimigo dos nazistas e amigo do Rei Joel, a quem tornou sábio como Salomão pelo ensino de segredos valiosos. A batalha de Guadalcanal foi ganha graças a um despacho feito por Macumba na esquina da Vasco da Gama com a Fernandes Vieira, numa sexta-feira à noite; Joel fugiu da festa de *Shabat* para ajudá-lo. A introdução, junto à turma do Bom Fim, dos cigarros *Baliza* e *Colomy* também foi obra dele. Ensinou muitas outras coisas, “que vocês só vão valorizar mais tarde”, dizia a Joel, e era verdade. Também dizia das coisas que ensinava: “Guarda segredo, meu amiguinho”.

Nesse tempo Nathan não comia; já padecia da doença que viria a matá-lo. Estava cada vez mais magro e tossia muito. Um dia viu Macumba almoçando e quis experimentar da marmita. Gostou do feijão com arroz, e mais ainda do pirão de farinha de mandioca, que comeu vorazmente. A partir de então Macumba dava a Nathan sua marmita e recebia de Shendl um prato com boa comida iídiche. Não era sem sacrifício que mastigava as *matzot* que tinham sobrado do *Pessach*; mas gostava de *borscht*, a sopa de beterrabas – parece sangue, dizia – *kneidlech*, *guefilte fish*. Os *latkes*, levava para os filhos.

Comiam juntos, Nathan e ele, no fundo do quintal, conversando sobre coisas interessantes. Mas então Macumba começou a comer cada vez menos, emagrecia e tossia, uma vez botou sangue pela

boca. Disse então: "Agora estamos juntos, meu amiguinho. Mas guarda segredo". Um dia sumiu para os lados do Morro da Velha, de onde tinha vindo, e nunca mais foi visto.

Embora cercado de colinas, o Bom Fim é um país plano. Para enxergar Macumba, Nathan voava entre os telhados, sondando ansioso o horizonte, na esperança de avistar o negro.

Só Joel sabia que o irmão voava; só Joel sabia que Macumba não voltaria. A respeito disso murmurava para si mesmo: "Guarda segredo, meu amiguinho". O sábio é solitário.

[2]Coletadas por Abrão Finkelstein.

X

Shendl não tinha medo de ninguém. Uma vez bateu no verdureiro com o tamanco. Outra ocasião a empregada do vizinho roubou-lhe um vestido de algodão; encontrando a mulher na frente do Cinema Baltimore, Shendl avançou contra ela e obrigou-a a despir-se na frente de todo mundo. Depois, num impulso, entregou o vestido à empregada e choraram abraçadas.

Sempre fora pobre. Depois do jantar de *Shabat*, quando a família se reunia em torno da mesa da cozinha para tomar chá e comer *latkes*, contava aos filhos:

– A gente passava fome, eu e o pai de vocês. Mas me lembro que uma vez encontrei uma bala na rua, em frente à antiga fábrica de caramelos. Foi logo depois do incêndio, se lembram? Abri a bala bem devagar, botei na boca. Que bala era aquela! Café com leite. Chupei-a bem devagar, sentindo aquele gosto bom. Brinquei com a bala em minha boca: a língua mandava ela para os dentes, os dentes para o céu da boca, o céu da boca para a gengiva, a bala ia e voltava, fazia um barulhinho de chocalho, e sempre aquele gosto... De repente veio o pai de vocês, me deu uma batida nas costas e engoli a bala. Engoli a bala café com leite! Quando estava no melhor.

– É verdade – dizia Samuel tristemente. – Me lembro dessa bala.

– A gente só trabalhava – prosseguia Shendl – sem nunca se divertir. Dia e noite cozinhando, lavando, cuidando das doenças de vocês... Um dia arranjamos um dinheirinho e fomos ver um filme. Que filme era aquele! Triste e colorido, fazia a gente chorar. Molhei com lágrimas o chão do Baltimore. E no meio do filme não é que o pai de vocês teve uma dor de barriga e tivemos de ir para casa? Não é, Samuel?

– É – Samuel concordava. – Que filme, aquele! Hoje em dia não fazem mais filmes como aquele. Colorido e triste.

Shendl suspirava.

– E ainda por cima a gente vestia mal. Eu usava uns trapos. Trapos! Só tive dois vestidos bons. Um, a empregada do vizinho me roubou. Outro, o pai de vocês me deu. Que vestido era aquele! Rosa. Tinha flores verdes. Tinha fitas. Tinha rendas. Tinha um cinto preto. Tinha uma boa bainha. Tinha comprimento, tinha largura, tinha um decote. Tinha tudo. E o pai de vocês...

– Rasguei – confessava Samuel, arrasado.

– Rasgou. – Shendl estava indignada. – Ele tinha pressa, não podia esperar que eu tirasse.

– Rasguei – confirmava Samuel. – E te digo, mulher; nunca mais encontrei outro vestido como aquele! Rosa, com flores verdes, fitas, rendas, cinto preto, bainha, comprimento, largura, decote, tudo. Por isso nunca mais te comprei um vestido: não ias gostar de nenhum. Foi melhor tu teres ficado com teus vestidos velhos. Foi melhor, Shendl! Shendl só temia uma coisa: doença nos filhos. Joel ela via com a barriga cheia de vermes; comprava todos os vermífugos que o rádio anunciava e despejava-os pela goela do filho. Uma vez, na sinagoga, Joel vomitou um verme perto do Rabino.

Na noite do ventre escondido

Vive um verme bem mofino

Dia e noite, noite e dia

Devora as tripas do menino.

Ataca-o com fúria sagrada

Shendl, com a fórmula acertada:

Sai do ventre o verme fino

E morre aos pés do Rabino

Às vezes agarrava o crânio de Nathan:

– Te dói a cabeça, meu filho?

– Dói – respondia Nathan, distraído.

Ela deixava-se cair numa cadeira.

– A cabeça! Te dói a cabeça! Logo a cabeça! Que se pode fazer? Amanhã vamos ao Dr. Finkelstein. Não, melhor num especialista. Um bom especialista, um especialista de cabeça. Dona Iente sabe de um muito bom, no centro. Cobra caro. Mas eu vendo tudo e pago a consulta. É a cabeça! Com a cabeça não se brinca!

Estava sempre na sala de espera do consultório do Dr. Finkelstein, folheando nervosamente a revista *Em Guarda*; a cobra nazista era para ela um verme gigantesco; a mão que empunhava o gládio, o milagroso Dr. Finkelstein. Esse médico conhecia a barriga de todas as crianças do Bom Fim, sabia quais as que podiam comer *latkes*, quais as que podiam comer *kneidlech*. Foi ele quem introduziu no Bom Fim a sulfa e a penicilina. Nas raras noites em que não era chamado e podia dormir, o Dr. Finkelstein sonhava com a Faculdade de Medicina do Bom Fim. Estaria instalado nos altos do Serafim, de onde os jogadores e contrabandistas seriam expulsos, como os vendilhões do Templo. A formatura seria no palco do Círculo Social Israelita. Ele, Dr. Finkelstein, seria o paraninfo. Centenas de médicos saíam daquela escola, tendo como especialidade o tratamento de filhos de mães judias.

Acordado, o doutor contentava-se em suspirar pelo dia em que seu filho se formasse e viesse trabalhar com ele.

XI

E de repente chega o domingo. Não se trabalha; não se trabalha sábado nem domingo. Sábado é feriado no país do Bom Fim, domingo é feriado no Brasil. Sábado pela manhã se vai à sinagoga. No domingo a família se aboleta na charrete e vai fazer um piquenique nas Três Figueiras. “Malke Tube” trota com garbo, Samuel canta em ídíche, Joel grita e abana para os amigos, Nathan sorri, Shendl alimenta-os com sanduíches e maçãs. Descem a Rua Fernandes Vieira, tomam à esquerda na Avenida Oswaldo Aranha, passam pela frente do Pronto Socorro, abanam para uma enfermeira – uma mulata vestida de branco – passam pelo Campo do Pólo, pelo Cinema Rio Branco, pelo Campo do Força e Luz. Já estão fora do Bom Fim e, à medida que sobem o Caminho do Meio, as casas vão escasseando e o mato começa a surgir. É então que passam pelo palacete dos judeus petrificados.

Ficava no meio dos matos de Petrópolis e tinha colunatas de mármore. Ali os judeus ricos se reuniam em banquetes, enquanto seus irmãos eram enviados para os fornos crematórios na Europa. Mas Deus os castigou: no meio de uma festa, enquanto os copos tiniam e a orquestra tocava rumbas, congas e *bebops*, as portas se abriram de par em par e surgiu o arcanjo Gabriel; fixando o olhar nos convivas, petrificou-os.

O palacete está em ruínas e coberto de mato. Joel nem pensa em ir lá. Se for, terá de avançar por uma estreita picada, ferindo-se nos espinheiros que quase fecham o caminho; chegará a um grande portão de ferro que se abrirá com dificuldade, rangendo nos gonzos. Passará pela piscina onde folhas e sapos mortos flutuam em restos de água pútrida. Pelo terraço poderá chegar ao salão, passando por uma porta de grandes vidraças quebradas.

Ali estão as figuras de pedra.

Suas vestes estão em farrapos, mas os gestos e as expressões das faces são nítidos.

Joel verá dois homens; o primeiro cochicha ao ouvido do segundo, os olhos desse contemplam um terceiro.

Que segredo será esse?

Mais adiante, outros dois homens. O primeiro estende ao segundo um papel, cuja escrita agora está ilegível. A mão do segundo se estende para apanhar o documento, mas ele parece indeciso.

O que haverá no papel? O que deseja o homem em troca dele? É digno de confiança?

O dono da casa apresenta a seu primo um industrial de São Paulo. O que pode o primo lucrar conhecendo o industrial de São Paulo? Já começou a expansão do parque fabril paulista? Não virá o primo a arrepender-se mais tarde dessa aproximação?

A brisa entra pelos vidros quebrados levantando pequenos redemoinhos de poeira. Sobre bandejas de prata, restos de sanduíches; e nesses, corpos secos de baratas e pequenos besouros. No teto, uma grande mariposa negra abre suas asas. Joel recuará. Voltará correndo pelo mesmo caminho, ferindo-se cruelmente nos espinhos. Preferirá subir o Caminho do Meio rumo às Três Figueiras. E, como nada dirá sobre o que viu, o palacete dos judeus petrificados será aos poucos esquecido.

Nas Três Figueiras corriam pelo campo, brincavam de pegar e esconder com outros meninos, rolavam no chão de cansados. Depois Shendl estendia uma toalha à sombra de uma figueira. Sentados no chão comiam pão preto, arenques e frutas, tomando muita água *Charrua*. Os pais adormeciam, Nathan ficava deitado, olhos fitos no céu, Joel jogava bola sozinho.

Às vezes um estranho pressentimento se apossava dele.

Já avistara, do alto das Três Figueiras, um vulcão nascendo perto do Bom Fim; tinham rido dele, tinham dito que era mato queimando em cima de um morro. Mas Joel sabia que era realmente um vulcão, que em breve a lava desceria a montanha, invadiria a Avenida Oswaldo Aranha e as pequenas lojas do Bom Fim, carregando peças de fazenda, roupas feitas e *lingerie*, brinquedos e miudezas, louças e

artigos de ferragem, quartos de casal de pinho e imbuia. É claro que nada disso aconteceu – porque Joel rezou, rezou muito na sinagoga da Rua Henrique Dias. Deus salvou o Bom Fim. Não salvou Nathan. Depois da morte dele a família nunca mais fez piqueniques nas Três Figueiras.

XII

Nos domingos de chuva, Joel e a turma iam ao programa de auditório do Piratini ou do Adroaldo Guerra. Adroaldo Guerra era grande e gordo, mas movia-se com agilidade no pequeno palco, apresentando ao público os cantores, os músicos, os imitadores, os gaiteiros, os locutores, e entregando prêmios aos melhores. A turma tinha muitas habilidades: Joel revirava os olhos até aparecer o branco. Motl Liberman dava saltos mortais, Marcos se fingia de morto; mas não havia prêmios para essas façanhas. Nathan poderia concorrer, tocando violino, mas Joel temia que ele se pusesse a voar pelo auditório, afastando-se do microfone.

Não, Nathan não. Dudi sim. Dudi, o filho do professor de hebraico, sabia tudo. Quem sabia das dicotiledôneas? Quem sabia dos acordos secretos entre fenícios e cartagineses? Dudi sabia e a turma aproveitava: uma bola de futebol num domingo, um quilo de balas café com leite noutro. Tudo ia muito bem, até que a família alemã começou a freqüentar o programa.

A família alemã compunha-se do pai, da mãe, do filho e da filha. Os três primeiros sentavam-se duros e quietos. O perigo estava na filha, Frida, uma menina de tranças e óculos. Sabia tudo sobre monocotiledôneas e sobre tratados secretos entre assírios e persas. Mais cedo ou mais tarde ela e Dudi teriam de se enfrentar, e isso aconteceu num dia chuvoso em que Adroaldo Guerra estava gripado, mas nem por isso menos entusiasmado. Convidou Dudi e Frida a subirem ao palco, apresentou-os ao público. Joel e a turma aplaudiram delirantemente seu campeão, a família alemã bateu palmas discretas para Frida, e as perguntas começaram. Desde o início ficou evidente que a batalha seria feroz. Tudo que Dudi sabia sobre Freud, Frida conhecia a respeito de Nietzsche; Dudi não errava nada sobre Mendelsohn, Frida acertava tudo de Wagner, Scholem Aleichem e os Niebelungen, Soutine e matemática superior; perto do meio-dia os adversários estavam exaustos e apenas balbuciavam as respostas. O auditório estava quase vazio. Adroaldo Guerra encerrou

o programa, anunciando um empate; perguntou se Dudi, como um legítimo cavalheiro, não abdicava do prêmio – uma caixa de finos bombons – em favor de sua simpática adversária.

Dudi hesitou. Olhou para a platéia. Pressentindo o perigo, Joel levantou-se, mas era tarde demais: Dudi já tinha concordado.

– Covarde! Traidor! – gritava a turma.

Assim eram os intelectuais, naquela época. Não se podia confiar neles. Dudi desceu do palco com um sorriso tímido e conciliador e correu para a rua. A turma foi atrás, disposta a castigá-lo. Ao passarem por Frida, Jean gritou: “Mata Hari!” e Favinho deu um cascudo no irmão dela. A família alemã encolheu-se em torno da caixa de bombons. Na rua, Dudi começava a levar os primeiros tapas. Ninguém podia entender o motivo daquela fraqueza. Suspeitavam que estivesse mancomunado com Frida; alguém vira a alemã enviar-lhe um beijo furtivo no fim do programa. Pressentiam que dentro de alguns anos os dois, Frida e Dudi, estariam a passear no Parque da Redenção numa noite quente de primavera; que se deitariam sobre a grama e que ficariam a se olhar, sem nada dizer; que a mão trêmula dele se introduziria sob a blusa dela, procurando o seio pequeno; que ela fecharia os olhos, arfando; que ele se deitaria sobre ela... Os concupiscentes. Na austeridade de uma época de guerra – a lascívia!

XIII

Assim eram os traidores. Dudi não era o único.

Rafael, encarregado da produção de estilingues, fê-los de borracha podre, pondo em risco a segurança de toda a turma.

Quando Joel soube, foi à casa dele para puni-lo. Escondido atrás de um armário, Rafael ouvia os gritos de Joel e sentia as fezes líquidas e quentes a lhe correrem pela perna. Muitos anos depois, foragido da polícia, lembrou-se dessa cena; e escreveu a respeito:

“O Rei mandou me chamar; tenho de ir. Irei para não voltar; porque o Rei mandou me chamar. Em seu castelo há só porta de entrada, não há porta de saída, não há vida sem o Rei. O Rei que não quero ver, mas que breve verei. E depois, nada mais verei. Depois de ver o Rei, não há mais o que ver.

O Rei mandou me chamar. Não sei por quê; mas ele sabe. O Rei sabe tudo; o presente, o passado, o futuro, os nomes e os sobrenomes, as cores de cada um, um verso que eu fiz, o Rei sabe e vê. Assim é o Rei.

Quero saber por que o Rei mandou me chamar, mas não saberei. Olho meu corpo; talvez eu tenha dedos demais em minha mão esquerda, ou na direita; talvez meus pés sejam demasiado rápidos ou malcheirosos. Talvez meus olhos vejam demais ou de menos. Talvez meu coração seja demasiado rápido ou muito lento. Não sei.

Mas o Rei sabe. E, se o defeito está em meu corpo, ele o corrigirá, em sua infinita sabedoria. Amputará o excrescente, moderará o exuberante, desenvolverá o atrófico. Assim é o Rei, que tudo sabe, tudo vê e tudo pode. Penso em minha vida. Não foi mal vivida – eu acho. Mas acho, somente. O Rei é que sabe do mal e do bem. Acho que ri demais em certas ocasiões; em outras, verti lágrimas talvez inoportunas. Certas palavras... É fácil falar, o ar vem dos pulmões, passa pelas cordas vocais, emitimos vibrações. Nem sempre bem afinadas. O Rei é sensível diapasão; ele sabe o que é um som puro, ele é todo harmonia.

É possível que eu tenha escrito certas coisas... Quem sabe de tudo que escreveu? Eu não sei. Mas o Rei sabe, ele conhece todas as escrituras presentes e passadas. Está tudo em seu livro, o livro que ninguém conhece; está lá.

Penso que eu talvez tenha amado demais ou de menos; e que talvez os objetos do meu amor não tenham sido aqueles que o Rei gostaria. Quem sabe? O Rei é que sabe.

Penso nos livros que li, nas canções que cantei, nos filmes que vi. Assim é o mundo, com sua trama de delicados fios. E o Rei é a confluência desses fios, o princípio e o fim; do Rei surge toda a energia, tudo termina no Rei. E o Rei mandou me chamar. Tenho de ir. Faço minhas despedidas; abraço meus pais, irmãos e parentes. Beijo minha mulher e meus filhos. Por um instante penso: estará neles o erro? Não sei. E não adianta pensar. Logo o Rei me dirá tudo o que devo saber. Escrevo algumas palavras no papel que embrulhou o pão. E apresto-me a partir. Abro a porta e saio. Está frio lá fora. Não importa: breve o Rei me aquecerá”.

XIV

Perto da casa de Joel morava Dona Iente, uma viúva gorda e otimista. Ao chegar da colônia de Quatro Irmãos, Dona Iente se casara com o dono de uma loja de fazendas, que lhe deu vários filhos, e morreu. Dona Iente foi trabalhar na loja, administrando-a com mão de ferro. “Economia de guerra” – dizia, orgulhosa. O filho mais velho de Dona Iente era neurótico. Dizia-se que ele sofria do complexo de Édipo. No seu íntimo, no subconsciente, aquele rapaz cheio de espinhas, cujo apelido era Massa Fina, perguntava-se como uma bela mãe daquelas, grande, gorda, opulenta, dotada de tino comercial, poderia ter casado com o homem baixinho e careca cujo retrato ele via na sala de jantar.

Massa Fina já estava na faculdade. “Todos os meus filhos vão se formar” – dizia Dona Iente. Ele era amante de Amélia, uma empregada da loja; Joel descobriu-os, nus, no depósito de fazendas. Vendeu seu silêncio por seis bolinhas de gude.

– Que vais fazer com estas bolinhas? – perguntou Massa Fina.

– Jogar – respondeu Joel, surpreso.

– Jogar, não – disse Massa Fina. – Deves trocar.

– Trocar?

– Trocar por coisas mais valiosas. Troca as bolinhas por lápis, os lápis por canetas, as canetas por relógios, os relógios por jóias, vende as jóias e terás um capital. Aí poderás começar um negócio como este.

Mostrava o depósito de fazendas, Joel não entendia bem o que Massa Fina dizia, mas ria, convencido de que era sacanagem. Massa Fina olhava-o com desprezo. Era estudante de Economia e sabia do que estava falando. A irmã mais moça de Massa Fina, Rute, sofria do complexo de Electra. Andava sempre com meninos; arranjou um maço de cigarros *Baliza* e convidou a turma para ir fumar no depósito de fazendas. Rute tragava e ficava com a fumaça nos

pulmões um tempo enorme. Um dia Dona Iente pegou-a em flagrante.

– Estavas fumando, vagabunda?

– Não, mãe – dizia a menina, a fumaça escapando pelas narinas e pela boca.

Dona Iente bateu nela até cansar. Depois disso a menina seguidamente fugia de casa. Mais tarde tornou-se atriz de teatro, fumava maconha e chegou a dormir com dois homens ao mesmo tempo. Nem sequer pensou em fazer vestibular.

Outra filha, Raquel, era uma menina meiga que gostava de declamar e de se fantasiar de Rainha de Sabá: envolvia-se em véus e bailava silenciosamente, imaginando ardentemente o rosto trigueiro do Rei Salomão. Essa filha, Dona Iente queria-a advogada.

Raquel era gêmea com Jacob, menino que preocupava um pouco a mãe, com sua mania de estripar gatos; Dona Iente chegou a levá-lo ao Dr. Finkelstein por causa disto. O doutor previa que Jacob daria um excelente cirurgião, e entusiasmou Dona Iente com o projeto da Faculdade de Medicina do Bom Fim. Dona Iente pagava ao negro Macumba para trazer gatos para Jacob dissecar, e pediu a Samuel que lhe desse “Lisl”, a gata da casa. Samuel recusou indignado.

XV

Quem fazia Dona Iente sofrer era Rosa, a filha mais velha.

Era anormal. Tinha dentes na vagina, diziam. Duas fileiras de dentes aguçados. Tinham surgido antes mesmo dos dentes da boca.

[1]

Essa jovem cresceu cheia de ódio, não de amor. Era mal-humorada e tinha ataques de nervos. Olhava para os homens de maneira estranha.

A mãe fez o que podia para curá-la; levou-a mesmo a sessões espíritas. Rosa saía de lá gargalhando e mais perversa do que nunca.

Ouvia-se falar muito do Dr. Rosemberg, especialista vindo dos Estados Unidos. Esse homem grisalho, de olhos míopes, que fumava cachimbo e usava um suéter tricotado por uma paciente, pôs Rosa na mesa ginecológica e examinou-a com cuidado, chegando mesmo a ferir o dedo mínimo num dente. Lavando as mãos, disse: não há dúvida, é um caso estranho, mas eu tenho um colega dentista que pode curá-la com uma simples operação.

Na madrugada do dia seguinte Rosa fugiu levando suas roupas e deixando um bilhete: não podia renunciar a seus dentes, eram parte dela para o bem ou para o mal.

Não foi sem dor que deixou a casa materna, o lar onde ressonavam seus irmãos e onde estava pendurado o retrato de seus avós russos. Não foi sem dor que desceu a Rua Fernandes Vieira, deserta àquela hora da madrugada; ia fitando com nostalgia as pombas que debicavam entre as pedras úmidas de orvalho. Ao atravessar a Redenção foi atacada por um homem que a arrastou para a Casa Chinesa e chegou a possuí-la, apesar de sair sangrando e apavorado. Deixou atrás de si uma Rosa violada e chorosa, mais revoltada do que nunca. Foi viver na Rua Pantaleão Telles. Durante o dia dormia, como uma coruja. À noite vagava pela rua atrás de

homens. Inutilmente; sua fama tinha se espalhado, todos fugiam dela.

Mas era matreira, aquela Rosa... Recorreu a uma dentista: mandou arrancar os dentes da boca e atraía os homens para o *fellatio*. Todos queriam sentir a carícia daquelas gengivas nuas e lisas. Rosa então os induzia ao normal. Ai dos que aceitavam! Sangravam!

A família considerou-a morta. Massa Fina deixou crescer a barba, rezou por ela a oração dos mortos.

Rosa não se importava. Dizia a quem quisesse ouvir: "Tomara que os nazistas façam churrasco de todos os judeus! Raça triste!" Guardava debaixo do travesseiro uma fotografia de Hitler e uma braçadeira com a cruz gamada. Através de um cliente estava em contato com certos líderes nazistas; planejava fornecer informações secretas sobre o Bom Fim. A tal ponto chegara!

No Bom Fim diziam que estava louca.

Diziam que estava possuída por um *dibuk*, uma alma penada – alma de um *goi* que se apaixonara por ela, e, que não podendo desposá-la, se matara de desgosto; ou a alma do velho Méier, sátiro decrépito, que perseguira as mocinhas do Bom Fim até morrer de um infarto na cama de uma prostituta. Falavam disso nas longas noites de inverno, e era como se tivessem voltado para as pequenas aldeias russas. Lembravam a Cabala; lembravam os *hassidim*, místicos que chegavam a Deus pela alegria e pelo êxtase, bebendo, cantando e dançando. Os *hassidim* viam no mal a outra face do Eterno; os habitantes do Bom Fim também. No fundo sabiam que Rosa ainda era parte deles, mesmo morando entre prostitutas, mesmo entregando-se a perversões, mesmo louvando os nazistas.

Por essa época chegou de Buenos Aires um novo rabino, homem enérgico e de idéias definidas. Trouxera filho, um adolescente magro que falava pouco, lia Buber e tinha fama de cabalista. Foi esse jovem, este Daniel, que se interessou pela figura já lendária da deformada. Vencendo sua natural timidez, começou a fazer perguntas e acabou descobrindo o paradeiro de Rosa.

Falou com ela num imundo quarto de pensão. Recebeu-o mal, a feroz criatura. Tinha passado um dia atormentado, de crises de fúria, e já rasgara lençóis e cobertores com a execrável dentadura. Mesmo assim, algo no rapaz fê-la abrandar-se; convidou-o a sentar, preparou chá e conversou como qualquer moça judia normal. Daniel falou pouco, e sobre seus estudos, principalmente. Olhava-a muito e fixamente.

Bateram à porta. Era um freguês, um velho masoquista a quem Rosa açoitava vez por outra. Estava ansioso, não a via há semanas; contudo, em sinal de respeito pelo filho do rabino, ela mandou o velho embora.

Foram ao cinema; na volta tomaram chá. Daniel cantou *A íidishe Mame*, Rosa tinha lágrimas nos olhos. Convidou o rapaz para vir no outro dia comer um *guefilte fish*.

– Eu sabia preparar um peixe muito bem – disse, com um sorriso triste. – Espero não ter esquecido.

A família do rapaz não tardou a ter notícias de seus encontros com a marginal. O rabino ficou muito preocupado e falou ao rapaz, pedindo que ele desistisse daquele amor cheio de perigos. Daniel porém não deixava de encontrar-se com Rosa. Passeavam à noite pelo Parque da Redenção; deitavam-se sobre a grama, sem nada dizer; a mão trêmula dele se insinuava sob a blusa dela, procurando o seio pequeno; ela fechava os olhos, arfando. De repente repelia-o e punha-se de pé. Ficava olhando as luzes do Bom Fim.

Daniel falou em casamento. Chorando, Rosa contou seu problema.

– Eu já sabia – disse ele.

– E mesmo assim queres casar comigo? – ela estava surpresa.

– Eu te amo, Rosa – disse ele.

Ela aceitou o pedido de casamento, mas fê-lo prometer que somente a beijaria. Nada mais do que isso.

– Só beijos, está bem?

Explicava-se: não queria destruí-lo.

O rabino recusou-se a abençoar o casamento e voltou com a família para Buenos Aires. Daniel queria morar na Palestina, numa cidadezinha chamada Tzfat. “Lá” – dizia – “está o ar mais puro da Terra Santa; não há outro lugar onde se possa entender melhor as profundidades e os segredos da Torá.” Tzfat, cidade mística, coração da Cabala! Daniel suspirava por ela. Rosa preferia o Cristal, e lá foram morar. Passeavam à beira do rio, sentindo a areia grossa debaixo dos pés nus. À noite beijavam-se, beijavam-se muito, até que subitamente ela desprendia-se dele e ligava o rádio. Ficavam ouvindo a Farroupilha. Ofegavam, tinham a boca seca e os olhos brilhantes.

– Deus há de nos ajudar – murmurava Daniel.

Rezava e consultava seus livros. Seus esforços foram recompensados: um dia a graça divina baixou sobre ele.

Concebeu um plano...

Numa noite de tempestade, em que se abraçavam e beijavam como nunca, a resistência dela foi finalmente vencida. Caíram sobre a cama.

– Louco! – gritava Rosa, desesperada. – É o teu fim, louco! Deixa-me antes que seja tarde! Vais sangrar até morrer! Nem esparadrapo tenho em casa!

Sorrindo, Daniel tirou a roupa dela.

Seu stratagema deu certo: tinha protegido o pênis com um delgado cano de cobre-níquel. Quebraram-se os dentes malignos e eles viveram felizes para sempre. Daniel veio a se estabelecer com um armazém de secos e molhados na Rua Henrique Dias; ia bem nos negócios, mas às vezes suspirava pensando em Tzfat e na Cabala. Rosa fazia *guefilte fish*. Nunca mais falou em nazistas.

[1] Provavelmente a mais curiosa anomalia dos dentes é a de seu achado em localizações outras que as normais. Albinus fala de dentes no nariz e na órbita; Borellus, no palato; Fabricius Hildanus, sob a língua. Carver descreve uma criança que tinha dentes nascendo da pálpebra inferior. (George M. Gould; Walter L. Pyle, *Anomalies and Curiosities of Medicine*, Julian Press, N. Y., 1966.)

XVI

Os nazistas já contavam com Rosa; ficaram furiosos ao perdê-la.

O Bom Fim estava de pé pela democracia. Organizou-se a Campanha da Borracha. Na Itália a FEB lutava de colina em colina; no Bom Fim os caminhões passavam recolhendo borracha para fazer rolar os pneus da vitória. A turma doava bolas de borracha, sabendo que Deus concederia a recompensa: o Grêmio Esportivo Israelita derrotava o Bambala e o Independente, cobrindo de glórias o Bom Fim. Joel deu a bola e mais uma câmara velha, esperando que Deus fizesse o técnico do Israelita convocá-lo. Deus jamais atendeu a este pedido, mas Joel não reclamava, porque sabia que o Senhor estava ocupado em ganhar a guerra para o Bom Fim. Hitler (Quem é que usa o cabelinho na testa? E um bigodinho que até parece mosca? Eh, eh, eh – palhaço!) espumava de raiva. Os alemães recuavam na Rússia, tinham falhado no bombardeio de Londres, estavam perdidos no norte da África... Era demais para aquele comedor de chucrute. Em desespero, resolveu invadir o Bom Fim.

O ataque veio de surpresa.

Quando a turma viu, os tanques vinham subindo a Rua Fernandes Vieira. Atrás avançavam as colunas de infantés, com lança-chamas. Carros blindados armados com metralhadoras pesadas fechavam a retaguarda. E sobre os telhados roncavam *Stukas* e *Messerschmitts*! O Joel organizou rapidamente a defesa. Com garrafas de *Charrua*, gasolina e trapos prepararam “coquetéis Molotov” e atacaram os tanques no cruzamento da Fernandes Vieira com Henrique Dias. Fizeram explodir dois tanques e com isso detiveram a coluna; os outros quiseram recuar, descendo a Fernandes Vieira para dar a volta pela Oswaldo Aranha e subir a João Telles, mas isso já era impossível; a rua estava bloqueada por um caminhão de lenha, cujos pneus Joel tinha furado. Imobilizados, os tanques disparavam sem cessar. As casinhas de madeira de Sruli, o vendedor de gravatas, e a de seu irmão Shime, o padeiro, estavam

em chamas. A luta estava renhida. Joel decidiu que ela tinha de ser terminada no corpo a corpo. Armaram-se com fundas e paus. Da fábrica de móveis do Benjamim trouxeram o serrote, o formão, a torquês, a goiva, a pua; e uma arma secreta: um furador elétrico capaz de abrir um rombo nos peitos de qualquer nazi.

Enfrentaram os alemães no terreno baldio ao lado da garagem, onde eles estavam entrincheirados. As metralhadoras matraqueavam sem cessar. Caíram mortos Dudi, Jean e Beto. Bons companheiros! Vendo-os tombar, o coração de Joel encheu-se de ódio: "Para a frente, turma" – gritou, e lançou-se contra um ninho de metralhadoras. Levou um balaço no ombro, mas continuou avançando. Seguiam-no os fiéis companheiros serrando, cortando, puxando, fincando, esburacando, apedrejando, rachando e sangrando os alemães. Joel liquidou um nazi a socos, virou a metralhadora contra os outros e liquidou-os também.

Nesse momento ouviu tiros na retaguarda: os alemães atacavam por trás! "Estamos perdidos!" – gritou Rafael. Mas, quase ao mesmo tempo, um brado de vitória: era a turma do Vasco da Gama que vinha lá de cima em seus velozes carrinhos de lomba equipados de fundas. Traziam rojões de três tiros; apontavam contra os ninhos de metralhadoras, acendiam os pavios – e que explosões, Santo Deus! Pedacos de nazis voavam para todo lado!

Não sobrou um só. Centenas de cadáveres amontoavam-se no campinho.

Naquele campinho eles se reuniam para alisar as nádegas de um guri chamado Alberto, que tinha as coxas muito brancas e era subornado com figurinhas de Brocoió. Rafael temia que Alberto ficasse fresco: um judeu fresco! Isso não aconteceu. Alberto ficou homem, peludo e empreendedor, dono de uma imobiliária. Construiu, naquele mesmo terreno, um belo edifício com fachada de mármore e porteiro eletrônico que, dizia Alberto rindo, só não funcionava quando se falava em iídiche no microfone.

Anoitecia. As mães chamavam para o jantar. Eles voltaram lentamente para casa, lavaram os pés encardidos – e foram jantar.

Os pais escutavam os noticiosos em grandes rádios de válvula. Joel não queria saber de guerra. Queria dormir. No dia seguinte levantou-se cedo e correu a espiar a rua. As pombas de sempre debicavam entre as pedras. Da grande batalha nem sinal: nem uma cápsula de obus, nem uma roda de tanque, nem uma perna decepada – nada. Só o testemunho de Joel.

XVII

Os habitantes do Bom Fim encontravam-se para discutir as notícias da guerra na frente do bar do Serafim, o Palácio do Fedor. Esse bar jamais fechava as portas; uma exceção viria a ocorrer em agosto de 1954, quando dos distúrbios por causa da morte de Getúlio Vargas. Quatro homens foram ali metralhados (o cadáver de um deles envolto na bandeira nacional e carregado nos ombros da multidão); centenas de garrafas foram destruídas; uma empregada ficou muda de pavor. Naquele dia Serafim não abriu.

Dentro, nas mesas de cafezinho, donos de loja falavam sobre negócios; contrabandistas apareciam e desapareciam. Ao fundo estavam as mesas de sinuca e os mictórios. Joel e sua turma raramente entravam no Fedor. Ali estava o terrível Elias, que não só tinha casado com uma *goi*, como ainda a trouxera para morar com a mãe, cobrindo a velha de vergonha. Essa mulher, Joel e seus amigos conheciam bem; chamava-se Madalena, e junto com suas irmãs formava o trio das mulatas sensuais da Colônia Africana. Madalena usava batom *Palermont* escarlata, extrato *Coty* e ligas com pequenas flores artificiais. Sentava-se à porta da casa pintando as unhas dos pés; depois soprava nelas para secar. Joel, Dudi, Beto e Miguel observavam em silêncio. Ela os espiava por baixo dos cílios longos:

– E daí, meus judeuzinhos? Querem me comer?

Estremeciam. Esperavam ver Elias definhar entre as garras dessa *goi* pecaminosa, o que não acontecia: ele ficava cada vez mais gordo e possante, fumava charutos, usava gravatas vistosas e manicurava as unhas. Seus negócios, feitos em voz baixa na mesa do Serafim, sempre davam certo. Chegou a ser dono de uma grande cadeia de lojas.

No Serafim, Joel viu pela primeira vez um *sefaradi*, um jovem judeu levantino, cuja família tinha vindo de Istambul, segundo uns, da misteriosa cidade de Alexandria, segundo outros. Seus antepassados, astuciosos financistas que emprestavam dinheiro aos reis de Castela, tinham sido expulsos da Espanha pela Inquisição e

havam se estabelecido na Ásia Menor. O *sefaradi* – Ely – era magro e trigueiro, ágil como um gato. Tinha olhos escuros, um sorriso debochado, e usava no dedo mínimo um anel de brilhantes. Seu pai não trabalhava, mas era rico. Tinha cavalos no Prado e dera ao filho uma égua chamada “Maktub”.

– É língua árabe – explicava Ely (sua voz era um sussurro macio) – e quer dizer: estava escrito.

– Ah! – murmurava a turma, cheia de admiração.

Ely jogava sinuca. Era o jogador mais jovem do Fedor, mas os veteranos reuniam-se em torno da mesa para vê-lo dar tacadas de mestre. “Este menino vai longe” – diziam.

Um dia entra no Serafim um estranho. Um alemão louco e bêbado. Chega gritando:

– Hitler vai fazer churrasco dos judeus. É o fim desta raça triste!

Todo mundo fica parado, numa expectativa tensa. Ely continua a jogar calmamente. Só se ouve o ruído seco das bolas de marfim. O alemão aproxima-se do rapaz:

– Ora, vejam só quem está jogando no meio dos homens. Cai fora, fedelho! Volta para os cueiros, judeuzinho!

Ely não responde e continua jogando. O alemão agarra-o, sacode-o: “Eu não disse que era para cair fora?” – e cospe-lhe na cara.

O sefaradi tira do bolso um lenço alvo e limpa cuidadosamente o rosto moreno. Atira o lenço a um canto.

– Pede desculpas – murmura, encarando o alemão.

– Desculpas! Esta é boa! – o outro ri.

O levantino introduz a mão dentro de sua camisa de seda e extrai vagarosamente um punhal – um fino punhal, de cabo trabalhado. O alemão recua, de olhos arregalados; olha em volta, ri nervosamente – e bate em retirada para o mictório.

O Serafim em peso aplaude. Moishe convida o rapaz a participar do pif-paf numa roda selecionada que jogava nos altos do prédio e

atravessava a noite no carteio. O próprio Moishe orgulhava-se de ter jogado uma vez de sexta à noite até segunda, sem dormir e quase sem comer. Na manhã desse dia, ao dar o troco para uma freguesa da loja, contara, tonto de sono: “Nove, dez, valete, dama...”

XVIII

O inverno não terminou sem levar o velho Leão, avô de Joel. De madrugada o velho levantou-se, como de costume, para ir à sinagoga; quando urinava na porta da cozinha teve uma tontura e caiu. Ficou horas exposto à cerração, pegou pneumonia e morreu.

Joel ficou cheio de remorsos. Ele e a turma costumavam sentar-se, à noite, sob a janela do quarto de dormir do velho Leão, que dava para a rua, e que estava sempre aberta, porque a velha Pessl, mulher dele, tinha falta de ar.

Deitados, os velhos conversavam.

– Que horas são? – perguntava a velha.

– Nove – respondia o velho.

– Já? Então deixa para amanhã.

– Não.

– Mas eu estou com sono.

– Não. Ontem já se adiou. Anteontem também. Hoje tem que dar.

– Mas que besteira é essa? – perguntava a velha impaciente. Tu não és mais guri.

– Mas ainda sou homem. – Pessl era a terceira esposa do velho Leão e ele se orgulhava disso.

A cama rangia durante alguns minutos. Depois se ouvia a voz da velha Pessl, arquejante:

– Te digo, isto me mata. Me falta o ar. Não agüento mais.

– Tomaste o remédio do Dr. Finkelstein?

– Tomei.

– Então não tem perigo.

– Mas eu não agüento, Leão – gemia a velha. – Reconheço que não sou a mesma do ano passado. Faz tempo que estou te dizendo:

podes procurar outra, não me importo. A gente não precisa desfazer o casamento...

– Não precisa, não é? – o velho se magoava. – Não queres perder a companhia. É só minha companhia que te interessa!

– Eu te avisei, quando casei contigo: não estou mais para essas coisas. Posso fazer tudo: comprar verduras, pechinchar com o verdureiro, cozinhar. Mas para essas coisas não dou mais, não adianta. E para ti também não é bom. O Dr. Finkelstein disse. Podes morrer do esforço.

– E o que é que tem? Sempre quis morrer assim.

– Não fala em morrer – protestava a velha.

– Por quê? Já vi tanta gente morrer. Duas mulheres, três filhos...

– Chega! Pára de falar nisto!

– Por quê? Um filho também era teu. Morreu moço, coitado. Te garanto que nem teve mulher.

– Não fala nisto! – a velha chorava.

– Falo – gritava o velho, amargurado. – Falo e pronto. Não tenho medo de falar na morte. Te garanto que vou ser homem até o último minuto.

A cama rangia mais alguns minutos. A turma ria baixinho; os risos se confundiam com os guinchos do lastro de tela e os gemidos do velho. De repente o ruído cessava lá dentro; os meninos silenciavam.

– Oi – gemia o velho Leão. – Oi, oi.

– Tive uma idéia – dizia a velha, com a voz entrecortada. Quem sabe tu comes alguma coisa? Posso te fazer ovos fritos.

– Não. Não quero.

– Quer sim. Depois vais te sentir mais alegre. Não há como a comida para alegrar a gente.

– O Dr. Finkelstein me proibiu comidas gordurosas.

– Faço com pouco azeite.

– Não.

– Mas não estás com vontade?

– De quê?

– De comer ovos fritos.

– Bom... agora que tu me falaste, sim.

– Então? Deixa-me ir na cozinha.

– Não. Fica aqui.

– Mas tu és teimoso, não é, Leão? – a velha estava indignada. – Por que não queres comer ovos?

– Olha, velha – a voz dele crescia –, vou te contar uma coisa: uma vez, eu ainda era viúvo, fui até a Pantaleão Telles e deitei com duas mulheres. Duas, está bem? E te digo: eu não tinha comido ovos naquela noite. Não preciso de ovos para ser homem.

De novo a cama. Joel ria, Mário Finkelstein ria, Francisco Zukierkorn ria.

– Nunca mais tiveste vontade de tocar violino? – perguntava a velha.

– Que pergunta é esta, mulher? – estranhava o velho.

– Me lembrei que tocavas violino muito bem.

– É verdade. Mas agora... Enxergo pouco.

– E daí? Não precisas dos olhos para tocar. Nathan toca de ouvido.

– Nathan... – suspirava o velho. De súbito, irritava-se. – Mas que é isto, mulher? Que conversa é esta? Quem quer falar de violino agora?

– Eu quis te distrair um pouco... – dizia Pessl, magoada. – Pensei que depois de uma conversa...

– Está bom.

Ficavam em silêncio um instante. A velha retomava:

– Não há um remédio para ajudar?

– Ajudar o quê?

– Isto que tu queres agora.

– Por que não falas claro? *Isto, isto*: vou lá adivinhar o que é *isto*? Ora. Remédio? Há. Acho que há. Bom, não sei. De qualquer jeito não preciso. Posso dar conta sozinho, ouviste? Minha natureza agüenta.

A cama começava a ranger furiosamente. A turma ria. Levantavam-se correndo e iam rir na esquina. Ria Joel, ria Mário Finkelstein, ria Francisco. Riam Abrão e Moisés, ria Rubens, ria Favinho, Fábio Blumenfeld. Se abraçavam uns aos outros e riam, se davam tapas nas costas e riam, rolavam no chão de tanto rir..

O velho Leão morreu; a velha Pessl não tardou a segui-lo. Era uma boa velha. Colocava os netos no colo, contava-lhes belas histórias da Rússia; falava também de tempos em que os homens seriam como irmãos, tempos de paz e felicidade; os meninos ouviam-na e adormeciam sorrindo. Depois da morte do marido a velha não se interessou por mais ninguém; concernia-lhe apenas viver. Sua luta era por verduras; seu inimigo, Pedro, o verdureiro. Mal ouvia seu pregão, a velha botava pela janela sua cabeça de pássaro.

– Aqui, verdureiro!

Pechinchava por cada pé de alface, por cada molho de salsa. O verdureiro se irritava, entregava as hortaliças, jogava as moedas na bolsa de couro que trazia a tiracolo, e subia a Fernandes Vieira, jurando nunca mais voltar. Mas no outro dia lá estava, discutindo com a freguesa.

Naquele verão a velha ficou caduca. – “É dia? É noite?” – perguntava aos vizinhos. Montanhas de pés de alface e molhos de salsa acumulavam-se ao pé da cama. Shendl queria alimentá-la, limpar a casa, mas a velha não deixava. Finalmente ficou claro que ia morrer. Veio a ambulância para levá-la ao hospital; uma pequena multidão comprimia-se à porta da casa; e lá estava Pedro, a bolsa de couro a tiracolo. Trouxeram a velha Pessl de maca. Seu olhar mortíco pousou no verdureiro e ela ergueu a cabeça com vivacidade.

– Quanto está a alface hoje, freguês?

– Quatrocentos réis, freguesa – gaguejou Pedro, assombrado.

– Deixa por trezentos?

Puseram a maca na ambulância. De dentro ouviam-se os gritos da velha Pessi:

– Deixa por trezentos que eu levo duas!

As portas da ambulância se fecharam com estrépito, o motor roncou. A cabeça da velha apareceu na janela gradeada:

– Se deixa eu fico. Se não deixa, não precisa. Ouviu, Pedro? – Tu – sem-vergonha, tu!

A ambulância partiu a toda. A velha chegou morta ao hospital.

– Como morre gente – murmurou um dia Joel, distraído.

– É a guerra – disse Mário Finkelstein.

XIX

O verão chegava e com ele, *Chanuka*, a Festa das Luzes, Joel e Nathan acenderam velinhas, lembrando os Macabeus. Depois viria o *Pessach* e eles comeriam pão ázimo, recordando a saída do Egito; e depois a Sexta-Feira da Paixão. E por fim o Sábado de Aleluia, dia em que até as pedras da Rua Fernandes Vieira estavam cheias de ódio contra os judeus. Os cinamomos baixavam seus ramos para feri-los, o feroz cão "Melâmpio" vinha do arrabalde para persegui-los latindo. Os *goim* caçavam judeus por todo o Bom Fim. No dia seguinte estariam reconciliados e jogariam futebol no campo da Avenida Cauduro, mas no Sábado de Aleluia era preciso surrar pelo menos um judeu.

Uma vez foi Miguel, o Manco; outra vez, Rafael.

Rafael foi perseguido pela turma do Bebê. Correu para casa, mas foi cercado antes de chegar lá. Agarraram-no.

– Este foi dos que mataram Cristo! – gritavam, excitados.

– Conta como foi – ordenou Bebê.

– Como foi o quê? – Rafael morria de medo.

– Como foi que vocês mataram Cristo.

– Mas eu não sei.... – balbuciou Rafael. Bebê torcia-lhe o braço. Rafael gritou de dor.

– Conta!

– Eu conto... Mas me larga o braço.

Bebê afrouxou-lhe o braço. Rafael desvencilhhou-se e tentou fugir.

– Ah! Então é assim?

Derrubaram-no. Sentaram em cima dele. Adão enfiava-lhe uma varinha na bunda. Rafael gritava sem parar.

– Vai contar? – gritou Bebê.

– Vou...

– Então conta.

Deixaram que ele ficasse ajoelhado.

– Foi assim... – começou Rafael. – Ele estava preso.

– Ele, quem? Diz o nome.

– Jesus.

– O sobrenome também.

– Jesus Cristo.

– Do começo.

– Jesus Cristo estava preso.

– Por quê? Diz por quê.

– Os romanos mandaram.

– Mentira!

– Os romanos mandaram e nós também.

– Mentira!

– Nós mandamos.

– Isto. Por quê?

– Porque a gente não gostava d'Ele.

– Por quê?

– Porque – gritou Rafael. – Ele era diferente. Uma vez ficou quarenta dias sem comer e a gente o que mais gostava era comer. A gente vivia com fome, comer era uma festa! Ele espalhava tristeza. Ele era *goi*.

– Bem – Bebê estava mais calmo. – E daí?

– Daí nós fomos à cadeia.

– E daí?

– Daí nós tiramos Ele de lá.

– Não.

– Não? Ah, sim. Nós fizemos o julgamento...

– Não.

– Não? – Rafael irritava-se. – Então o que foi que nós fizemos?

– Tu sabes! – Bebê torceu-lhe bruscamente o braço. Rafael gritou de dor.

– Não sei...

Começou a chorar baixinho, Bebê viu que ele não sabia mesmo e resolveu ajudar.

– Vocês puseram na cabeça d’Ele... o quê?

– O quê? Não sei...

– Uma co...

– Uma co...

– Uma coroa...

– Uma coroa... de espinhos!

– Isto mesmo! Viu como tu sabes? Quando tu queres, tu sabes! – havia até entusiasmo na voz de Bebê, e Rafael riu com ele.

Riam, Rafael e Bebê, riam sem parar, davam-se tapas nas costas, rolavam no chão de tanto rir.

– Chega – disse Bebê de repente, fechando a cara. – E depois?

– Depois...

– Não adianta querer adivinhar. Vamos logo à crucificação. Como foi?

– Nós levamos Ele para um morro. Era um morro parecido com o Morro da Velha.

– Isto mesmo... – Bebê ia aprovando.

– Lá tinha uma cruz no chão. – Rafael falava agora rapidamente; esta parte ele conhecia bem. – Nós deitamos Ele em cima da cruz. Ele estava muito magro e fraco. Aí nós abrimos os braços d’Ele e botamos em cima dos braços da cruz. Ele não queria abrir a mão direita, fechava os dedos com força, mas a gente fez Ele abrir. Aí cravamos um prego na palma. O prego foi se enterrando na carne, na madeira...

Rafael chorava. Bebê soltou o braço dele, virou as costas e foi embora.

A turma dispersou-se lentamente. Rafael ficou sozinho, chorando.

Viu a grande formiga preta na calçada; tomou a varinha que Adão tinha deixado no chão e pôs-se a aporrinhar a formiga, desviando-a do caminho do formigueiro. Por fim, cansou da brincadeira, esmagou-a e foi embora.

Em Simchat Tora os judeus dançavam na velha sinagoga da Rua Henrique Dias, carregando os rolos da Lei. Em Rosh Hashaná todo mundo se cumprimentava pelo ano novo; e depois dos dez dias terríveis chegava o *Iom Kipur*, o dia da expiação, a sinagoga sombria e abafada, mal-iluminada pelas velas, era pequena para centenas de judeus que choravam e rezavam pelos que estavam sendo sacrificados na Europa. As tábuas das galerias estalavam sob o peso de pecados não expiados, o ar azedava com o hálito de bocas em jejum. Lá fora, diante da sinagoga os guris brincavam de pegar, os rapazes lançavam olhares lânguidos para as moças de vestidos novos.

XX

O verão chegava. Às cinco da manhã, as ruas já estavam cheias de sol. As pombas passeavam no leito da rua bicando os grãos caídos entre as pedras. Nos quintais do Bom Fim o capim crescia furiosamente. Joel e a turma cavavam esconderijos para as armas. Trabalhavam em todos os quintais, no meio do capim alto, removendo tábuas podres e pedras limosas que, afastadas, revelavam um fervilhar de bichinhos. No quintal de Dudi nascia um misterioso olho-d'água; no quintal de Rafael acharam ossos enterrados junto a um antigo marco de granito. No quintal de Rute fizeram uma cabana de galhos e lá se escondiam para fumar e ouvir Raquel contar as histórias da Rainha de Sabá.

O sol queimava-lhes os crânios, eles vagueavam pelas ruas do Bom Fim. As aulas no Colégio Iídiche já tinham terminado. Jogavam futebol, pelejas ferozes que duravam um dia inteiro.

A turma de Joel joga contra a turma da Rua João Telles, no campo da Avenida Cauduro. Jogam quatorze no time da João Telles e quinze do lado de Joel – Miguel, por ser coxo, não é contado. O jogo começa às três da tarde. Às sete da noite, ganhando de vinte e quatro a dezesseis, a turma de Joel quer ir para casa jantar – as mães estão chamando. Os da João Telles não deixam: o jogo deve continuar até o escore final combinado: trinta. Às sete e meia as lâmpadas dos postes se acendem. O marcador é agora de vinte e sete a dezoito. Pouco depois falta luz. Joel avisa que seu time se retira.

– Covardes! – brada uma voz nas trevas.

– O jogo continua, turma! – responde Joel, furioso.

Na mais completa escuridão prossegue a partida. Procuram adivinhar onde está a bola, correm, tropeçam, chutam o chão. O ar enche-se de urros de raiva. Joel leva um pontapé nas costas e uma cabeçada no lábio, que se parte. Sugando o sangue quente e adocicado, parte para um rumo que supõe ser o da meta adversária.

De repente cessam os clamores e por um instante faz-se silêncio – o silêncio que precede as grandes batalhas.

– *Heil* Hitler – diz uma voz, e há zombaria nessa voz de sotaque estrangeiro.

– Quem foi que disse isto? – berra Joel.

Ninguém responde. A partida recomeça.

– Nazista! Onde estás? Responde, nazista!

Esse nazista, Joel caça por todo o campo correndo e chocando-se em corpos suarentos. Cerca das nove da noite atraca-se com alguém; rolam pelo chão, esmurrando-se. Joel aplica uma gravata no adversário, que estertora: me solta desgraçado... Joel reconhece a voz: é Dudi. Joel solta-o. Exausto, fica deitado na grama esturricada. Alguma coisa vem rolando e aninha-se mansamente em seu sovaco. É a bola. Joel pega a bola e vai para casa rindo. A mãe repreende-o à luz de velas.

Noites de verão. Brincava-se nas calçadas ainda quentes, jogava-se ao Rei e Rainha. O verdadeiro Rei era Joel; Rainhas havia muitas: Rute, a Rainha Louca; Raquel, a Rainha de Sabá. Esta envolvia-se em véus e sussurrava: “Sou morena porém formosa, ó filhas de Jerusalém...” Era para Ely que ela olhava, o magro Ely, Rei do Oriente, que jamais participava nas brincadeiras; parado na esquina, limpava as unhas com a ponta do punhal.

Noites de verão. Os habitantes do Bom Fim sentavam-se em cadeiras na calçada. Na Europa ainda havia guerra. Aqui, falava-se sobre o tempo.

Falava-se sobre o tempo abertamente, sem medo, estava-se em um país livre. Dizia-se, por exemplo, que há muitos anos não fazia tanto calor; e, se alguns emitiam esse comentário em voz um pouco abafada, outros – pelo contrário – diziam em alto e bom som, para quem quisesse ouvir, a temperatura fornecida pelos grandes rádios a válvula: trinta e seis graus. Muitos eram ousados e previam o futuro, anunciando chuva para as próximas duas ou três horas. Baseavam-se na conformação de certas nuvens, mas muito mais na própria intuição, que usavam à vontade. Aqueles que cochichavam

argumentavam que em tempo de guerra não era desejável a turbulência de um temporal. Mas não deixavam de ponderar que eram terríveis os calores de verão no Bom Fim, e que terríveis eram também as noites de inverno. Não queriam que ninguém soubesse que estavam reclamando; faziam essas confidências somente aos bons vizinhos, esperando que guardassem segredo.

Os desabridos diziam que o tempo era louco. Lembravam frios entremeados com calores, a enchente de 1941...

Perto da meia-noite soprava uma brisa suave. Falavam sobre ela: de onde viria? Do rio? Do mar? Do Atlântico? Do Mediterrâneo? Os mais imaginosos dilatavam as narinas afirmando estarem sentindo o cheiro da maresia.

Sim, falavam do tempo. É impossível trabalhar com este calor, diziam, e citavam climas mais amenos. Sim, se pudessem manipulariam o tempo – por meio de botões, quem sabe, como os dos grandes rádios a válvula. Sim, falavam; falavam até se sentirem sonolentos e então iam dormir, satisfeitos. Uma vaga inquietude apossava-se de alguns, sem que soubessem por quê.

O tempo, entretanto, sabia. O tempo, insidiosamente, docemente, estava se vingando. O tempo estava corroendo as paredes das casas, sugerindo edifícios de apartamentos novos e bonitos. O tempo estava olhando as pessoas, anotando a quem tocava a ruga, a quem tocava o cabelo branco. A noite que corresse... O outro dia revelaria os indiciados nos espelhos de moldura descascada.

XXI

O sol abrasa o Bom Fim, os vendedores de gravatas se arrastam pelas ruas, “Malke Tube”, apática, quer ficar deitada. Mas Samuel precisa trabalhar como nunca: tem de mandar a família para a praia. Nathan está pálido e magro, precisa de sol. Shendl e Joel também merecem descansar. Na véspera do embarque, Joel não consegue dormir. Levanta-se a toda a hora, vai espiar os pais arrumando as malas; o coração bate mais forte quando vê os calções de banho sobre a cadeira. Deita-se, esfregando as mãos: “Já vi os calções, Nathan!” O irmão sorri. Finalmente, Joel dorme um sono agitado, logo cortado por uma buzina. É o carro de praça que vai levá-los à estação rodoviária. Joel pula da cama, tonto de sono, e caminha atarantado, tropeçando no pijama. Aperreados pelos pais os irmãos vestem-se às pressas e saem. Nathan leva debaixo do braço seu violino, Joel empunha o revólver de baquelite. Engolem o café e saem para a rua mastigando pão dormido com manteiga.

Seu Álvaro, o chofer, espera-os encostado ao carro, um grande *Chevrolet* verde, o mais novo e enfeitado da praça. Samuel já não confia em “Malke Tube”, teme atrasar-se indo de charrete. A família embarca, o carro arranca, espantando as pombas, e atravessa o Bom Fim rumo à rodoviária. Lá está o ônibus amarelo da Empresa Jaeger; junto a ele Dona Iente e seus filhos, Dona Chava e seus filhos, Dona Chaik e seus filhos. Lá está o Rafael, Alberto e Dudi; Beto, o vesgo; Motl Liberman, que depois se tornará dentista. Francisco Zukierkorn, Abrão e Moisés, o Favinho, o Fábio Blumenfeld – toda a turma. Examinam o ônibus – conhecem todos os carros da empresa, que são numerados – verificam se há correntes para as rodas. As mães gritam, chamam pelos filhos, enchem os bancos com travesseiros e pacotes de comida – não querem que aqueles meninos magros fiquem desnutridos durante a viagem. A buzina soa com impaciência. Despedem-se dos pais que ficam na calçada. O ônibus parte. Em poucos minutos Porto Alegre fica para trás. Joel acomoda-se nos travesseiros, tenta adormecer – sabe que assim a viagem será mais rápida, mas está excitado demais para dormir. A

turma toda pula nos bancos. Cascas de banana e bagaços de maçã voam de um lado para outro. Passam pelas chácaras de Gravataí, olham com alegria as hortas úmidas de orvalho. O sol gaúcho doura os campos. Dudi faz caretas para Rute, Beto dá cascudos no coco de Joel. As mães enjoam e vomitam.

De repente: "O mar!" É o mar.

O ônibus segue pela beira da praia, fugindo das ondas que vêm lambe os pneus. Mas deve também evitar a areia macia e traiçoeira; para isso há esteiras de madeira nos pontos mais perigosos. Passam por Santa Teresinha, balneário misterioso, escondido entre os cômoros. Rafael acha que está vendo o farol de Capão da Canoa, todos acham que é mentira dele, mas no fundo *querem* que Rafael veja mesmo o farol. Finalmente, aparece o farol, e todos riem e se abraçam; pouco depois chegam a Capão da Canoa, pequena povoação na orla balneária, contando com quatro hotéis de madeira: Atlântico, Bela Vista, Bassani e Riograndense. Ruas de conchas trituradas. Charcos cheios de sapos. A carrocinha puxada pelo bode "Leibl", que Chagall pintou sentado sobre uma nuvem mirando a vila com olhar vazio. Era um animal estúpido, que se alimentava de cascas de banana e pedaços de papel velho. Por sua barbicha lembrava a Joel o professor de hebraico – um homem nervoso, que gritava: "Tu, sem-vergonha!", cobrindo os alunos de saliva.

O bode vinha caminhando pela rua, pisando as conchas trituradas e mascando lixo. Joel bloqueava o caminho; o bode desviava; Joel agarrava-o pelos chifres e derrubava-o. O bode "Leibl" se levantava. Joel tornava a derrubá-lo. Mas o bode se levantava sempre e ficava olhando para Joel, até que seu dono, um "pêlo-duro" de dentes estragados, vinha atrelá-lo à carrocinha. O bode puxou-a durante anos. Uma manhã encontraram-no na praia, decapitado. A cabeça, ninguém achou. Suspeitava-se que tivesse sido usada para práticas de bruxaria.

Durante o dia corriam na areia quente dos cômoros e tomavam banho de mar. À noite jogavam escova e dorminhoco no salão do hotel; às dez o gerador era desligado e as lâmpadas se apagavam. À luz de velas recolhiam-se aos pequenos quartos nos chalés de

madeira. Aos poucos as luzes iam se extinguindo. Adormeciam ouvindo o trilo dos grilos e o coaxar dos sapos; a tosse dos gripados e o ronco distante do mar.

XXII

Os nazistas atacaram o Capão da Canoa numa noite escura de janeiro de 1944. Chegaram em submarinos que ficaram ao largo enquanto eles avançavam para a costa em botes de borracha, estabelecendo ali uma cabeça-de-praia. Passava das onze horas. Todos dormiam; menos Joel que, na porta do quarto, urinava na areia, olhando o mar. Foi então que viu as lanternas piscando em código Morse. Imediatamente deu-se conta da situação. Falava-se num plano nazista de dominar Capão da Canoa e de lá invadir o Bom Fim através de um túnel secreto que, partindo dos fundos do Hotel Bassani, avançava dezenas de quilômetros, terminando em certo bueiro da Rua Henrique Dias. Rafael afirmara que esse plano tinha fundamento; Joel não lhe dera ouvidos. Agora se arrependia. Vestiu-se e foi rapidamente avisar os companheiros, batendo na porta dos quartos e sussurrando a senha. Aos poucos os amigos foram aparecendo, sonolentos e tremendo de frio. Nos chalés as famílias ressonavam, sem imaginar o perigo que corriam.

Em poucas palavras Joel explicou o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo fez uma pequena preleção destinada a levantar o moral de seus comandados.

Não lutariam sós, assegurava. Tinham aliados poderosos.

Lá estavam, escondidos entre os cômodos: o Príncipe Submarino, o Homem de Borracha e o Sombra; Sansão e Josué; o *Golem*. Essa figura, que tinha mais de três metros de altura, fora criada do barro pelo Rabi Judah Löw, de Praga, no século XVI, para proteger os judeus da sanha de seus inimigos; agora saía de seu sono secular para enfrentar os nazis.

Ali estavam também os famosos boxadores judeus: Daniel Mendonza que, no século XVIII, defendeu a comunidade judaica da Inglaterra, contra a peçonha dos anti-semitas; Samuel Elias, o "Dutch Sam", Isaac Bittoon, Abraham Belasco e Barney Aron, "The Star of the East"; e os americanos: Benny Leonard, campeão mundial de pesos leves, invicto (lutou 210 vezes e só perdeu duas),

Abe Atell, "Battling" Levinsky, Barney Ross, Maxie Rosem-bloom, Al Singer, Max Baer; todos saltitando impacientes na areia úmida, trocando socos para esquentar; e o Homem-Montanha.

O Homem-Montanha era temível na luta livre. Viera da Argentina, era alto como uma torre, pesava mais de cento e cinqüenta quilos e tinha uma enorme barba preta. Deitado no chão, dez meninos podiam ficar de pé em cima do peito dele; não se abalava e ainda ria, sacudindo-os com seu riso de terremoto. Estava lá ao lado do Vingador, do Calunga e do Zorro; do mocinho e de seu amigo, o gozado. O gozado era um bolaço, vivia arregalando os olhos e caindo do cavalo; mas na hora da briga o gozado puxava o revólver, e não era um, nem dois bandidos que ele matava! Estavam ali os americanos, os ingleses, os franceses, os russos. E a FEB. E os fiéis "pêlos-duros", os nativos de Capão da Canoa. E Deus.

Os alemães também não vinham só, Joel sabia. Traziam consigo os pérfidos amarelos. E Silvana. E o traidor cão "Melâmpio", com seu único olho brilhando de raiva.

Joel viu que a hora tinha chegado. Deu o sinal. Correram e se espalharam pelos cômodos de areia em frente ao Hotel Bassani, cada um com sua arma: Beto com um lança-chamas, Jean com a soqueira-punhal, Dudi com o canivete de três lâminas, Francisco Zukerkorn com fuzil e baioneta, Motl Liberman, Pedro e Arnaldo com a bazuca. O Capitão Joel, ele mesmo, tinha uma metralhadora e doze granadas.

Ficaram deitados, quietos, sentindo a areia fina e úmida em suas barrigas nuas. Olhavam o mar, mas nada viam: era a noite sem lua, era a noite do mal.

Joel adivinhava os alemães rastejando na areia, os capacetes descidos sobre os olhos perversos, saliva peçonhenta escorrendo pelos caninos. Teve um calafrio – apenas momentâneo. Abrasado de fúria sagrada, disparou para o alto a pistola de foguetes luminosos. Uma luz branca e forte clareou a praia mostrando centenas – não, milhares de soldados nazistas avançando em direção ao balneário adormecido.

– Fogo, rapazes! – gritou o Capitão Joel.

As granadas explodiram, as metralhadoras crepitaram. Num instante a praia se transformou num inferno. Surpresos, os alemães gritavam *Ach* e *Himmel*, fazendo fogo por sua vez. Tinham muita munição, isto nunca lhes faltava, e disparavam sem cessar. As balas zuniam no ar, os *Stukas* e *Messerschmitts* roncavam sobre Capão da Canoa. Atingida por um morteiro, a casinha do salva-vidas incendiou-se. Aquilo enfureceu Joel; levantou-se e, gritando: “Sigam-me amigos!”, desceu correndo o cômodo. Os bravos o seguiram para o corpo a corpo. Os punhais entraram em ação. O Capitão aplicou uma chave inglesa num boche e degolou-o; deu um pontapé na barriga de outro imundo nazista e matou-o também. À sua volta americanos e amarelos atacavam-se, Barney Ross matava alemães a murros, o mocinho disparava dois revólveres. “Malke Tube” e “Melâmpio” lutavam junto ao mar. O Homem-Montanha pegava dois inimigos pelo pescoço, batia-lhes as cabeças e eles desmaiavam. Os “pêlo-duros” lutavam com coragem.

De repente, o Capitão teve uma idéia... chamou Beto e Dudi, pegaram metralhadoras e correram para o mar flanqueando o inimigo. Avançaram cautelosamente na água rasa. Minúsculos animais marinhos mexiam-se sob os pés de Joel e ele teve um arrepio, pensando nos siris; a um brado seu os companheiros correram para a praia, as armas vomitando fogo. Os nazis caíam como moscas; apanhados na armadilha eram varados pelas balas, soqueados pelas soqueiras-punhais, esmagados a coronhaços, furados pelas baionetas, queimados pelos lança-chamas, destroçados pelas granadas, cortados pelos canivetes, iluminados pelos foguetes luminosos e rebentados a pontapés. Tripas juncavam a areia, dentes voavam pelo ar. De repente um sargento americano gritou: “*Look! The flying Jew!*” Joel olhou: iluminado pelo clarão das chamas, indiferente aos *Stukas* e *Messerschmitts* que zuniam ao seu redor, Nathan voava sobre a praia, tocando violino. “Nathan!” – gritou Joel, aflito. “Vai-se embora! Isto não é para ti!” Nathan sorriu e desapareceu.

Os nazistas batiam em retirada, desarvorados. O Capitão já ia gritar: "Vencemos, amigos!", quando uma explosão jogou-o ao chão. Levantou-se ainda tonto e olhou para o mar; um submarino tinha avançado até a praia e disparava seu canhão sobre Capão da Canoa!

– Mas eu dou um jeito nisto! – disse Joel, furioso.

Correu para o mar, jogou-se na água fria e nadou rapidamente até o submarino. Na proa, os nazistas carregavam o canhão, praguejando: "Ach!", "Himmel!" Joel içou-se ao tombadilho e rastejou silenciosamente até a torre, cuja portinhola estava aberta; com os dentes tirou o pino de segurança de sua última granada, jogou-a lá dentro, saltou n'água e afastou-se em braçadas rápidas. A explosão fez estremecer Capão da Canoa, o mar ficou juncado de pernas e braços. "Bom serviço, Joel!" – disse Joel.

Na praia a turma descansava, comentando os lances engraçados da luta e rindo. Como riam! Ria Mário Finkelstein, o filho do Dr. Finkelstein; ria Rubens, ria o Favinho, Fábio Blumenfeld. Riam Sansão e Josué, ria Barney Ross, ria o Homem-Montanha, dando tapas na barriga peluda. Se abraçavam uns aos outros e riam, davam-se tapas nas costas e riam, rolavam no chão de tanto rir.

Assim terminou a batalha do Bom Fim. A torre do submarino deu à praia. Muitos anos depois ainda podia ser vista lá, enferrujando ao sol. Quanto aos cômoros, os rapazes levavam gatinhas para lá... Muitos anos depois. As estradas já eram asfaltadas, as casas eram de material, e até luxuosas, luz não faltava. Quanto às gatas, eram morenas e de longos cabelos negros. Os rapazes ofereciam a elas uísque e cigarros. Elas riam, nervosas. A turma também ria, mostrando os dentes brancos bem cuidados pelos dentistas. Era tarde da noite. Os cômoros, agora reduzidos a suaves elevações, alvejavam ao luar. As gatinhas soltavam filetes de fumaça pelas narinas frementes. A mão trêmula da turma se introduzia sob a blusa das gatas, procurando o seio pequeno; elas fechavam os olhos, arfando; a turma se deitava sobre elas...

Depois da batalha, Beto lembrou que os nazistas poderiam atacar novamente no inverno, época em que ninguém vinha a Capão da

Canoa: os hotéis, batidos pela chuva e pelo vento, ficavam fechados. Rafael sugeriu a formação de um exército de “pêlos-duros”, mas isso não parecia necessário: a guerra estava no fim.

Terminado o veraneio, voltaram para o Bom Fim. As férias escoaram-se depressa e breve já estavam carregando as pastas cheias de cadernos, a caminho do Colégio Iídiche. Naquele ano muitos terminariam o primário e começariam o ginásio no Júlio de Castilhos; depois fariam o científico e depois o vestibular para Medicina, Engenharia, Direito; e outros fariam Odontologia, Química e Filosofia.

XXIII

O inverno chegou, com chuva e minuano.

“Malke Tube” arrastava a charrete pelas ruas enlameadas do arrabalde. Na boléia, um Samuel desanimado tremia de frio. É verdade que o cão “Melâmpio” tinha sumido (a carrocinha o levava, diziam; só Joel sabia que ele tinha morrido na batalha de Capão da Canoa, liquidado por uma patada de “Malke Tube”); mas o trabalho estava cada vez mais difícil. Com o término da guerra, grandes lojas surgiam na cidade e nos bairros, os crediários sugavam os fregueses de Samuel. Enxotado, ele ia comerciar cada vez mais longe. Finalmente começou a subir o distante Morro da Velha, lugar de más estradas e de crioulos silenciosos e pobres.

Uma noite, Samuel voltou para casa mais angustiado do que nunca, e completamente bêbado. Não tinha cobrado um só centavo e bebera o que tinha no bolso. “Malke Tube” não queria entrar na cocheira; não tinha comido e a palha onde deitava estava molhada. Samuel espancou-a até cansar. Depois entrou em casa, e sem falar com Shendl deitou-se como estava, de roupa e botas enlameadas. Em sua cabeça dançavam as doidas aldeias russas. Samuel ria, ria; finalmente, adormeceu...

Naquela mesma noite o último quinta-coluna do Bom Fim resolvia cumprir sua derradeira missão: colocar uma bomba na Rua Fernandes Vieira. Há muitos dias deveria ter executado a tarefa, mas faltara-lhe coragem: afinal, a guerra estava terminando, valia a pena correr riscos? “Mas tem de ser feito e será feito” – pensa, caminhando de um lado para outro em seu quarto de pensão. – “Às duas da manhã”.

Às duas da manhã Samuel acorda, cheio de remorsos: não pode mais sustentar a família, bateu em “Malke Tube”, é inepto e perverso. Resolveu se matar. Levanta-se e sai silenciosamente.

Às duas da madrugada “Malke Tube” desperta sobressaltada, as coçadas orelhas empinadas. Levanta-se de um pulo, rompe a frágil corda que a prende e sai num trote lento.

Samuel caminha pela rua deserta. Sua decisão se fortalece à medida que avança: não deve voltar, não deve sobrecarregar a família; poderão viver com a modesta pensão que ele vai deixar. Preocupa-o somente encontrar um meio de morrer; é então que vê um edifício em construção, um prédio de dez andares. Elias o constrói; Elias, o devasso, o vencedor.

O quinta-coluna sai de sua pensão carregando um embrulho debaixo do braço. Anda por avenidas desertas, passa por sinaleiras apagadas. Atravessa a Redenção em meio ao nevoeiro, pisando em insetos mortos: besouros, uma barata de patas finas e secas. Junto à Casa Chinesa, um pederasta de lábios úmidos chama-o: "Vem cá, quinta-coluna lindo". Ele prossegue sem se voltar.

Da última laje do edifício, Samuel vê o Bom Fim, Petrópolis, Três Figueiras, o Morro da Velha. "Como é alto!" Acha até que está vendo o mar.

"Malke Tube" chega ao prédio; fareja em torno, indecisa. Finalmente entra. No grande vestíbulo empilham-se canos, lajotas, sacos de cimento. No escuro a égua avança; tateando cautelosamente adianta, ora uma, ora outra pata. Dá com a escada e começa a subir. Nos primeiros andares é lento o seu progresso, mas a partir do sexto piso já galopa como se estivesse no campo.

O quinta-coluna detém-se diante de um prédio alto, ainda em construção. "Eis um bom lugar" – murmura. – "Se este edifício cair, arrasa umas vinte casas ao redor". Olha ao redor: ninguém. Ajoelha-se, abre o pacote, e à luz da lâmpada do poste começa a preparar a bomba.

De cima, Samuel observa com curiosidade o trabalho do homem: o que estará ele fazendo, àquela hora, no Bom Fim? De repente uma suspeita atravessa-lhe o cérebro; e nesse momento, ouve um relincho atrás de si: é "Malke Tube" que chegou ao alto. "Malke Tube!" – grita Samuel, surpreso e alegre. Lá embaixo, o quinta-coluna está indeciso: não sabe se, para fazer funcionar a bomba, deve prender um fio vermelho num pino vermelho e um fio preto

num pino preto, ou se é o contrário. E “Malke Tube” hesita: Samuel quer abraçá-la, atrapalha-se, tropeçam – e caem na escuridão!

O quinta-coluna ouve o grito e o relincho, levanta os olhos e vê a massa escura desabar sobre ele; e no instante seguinte não vê mais nada.

Samuel perde momentaneamente os sentidos; quando se recupera, constata que está preso debaixo do corpo da égua. Junto com ele, o quinta-coluna. Com dificuldade Samuel introduz a mão sob a blusa do outro; o coração não bate.

Samuel quis morrer. Agora, pensando na família, muda de idéia. Tenho de sair disto, resmungo, e lança-se ao trabalho. Tira do bolso o canivete, dá um talho no ventre do animal. Vê-se envolto em intestinos quentes que lhe dificultam os movimentos. Corta furiosamente à esquerda e à direita, livra-se da trama incômoda; afasta o baço e o fígado, fura, sem querer, o estômago; escorrem em seu rosto restos da última refeição, talos de capim, flores digeridas. Prosseguindo sem cessar, chega à coluna vertebral. Essa forte estrutura quase o faz desistir, mas então toma novo alento, quebra vértebras com o cabo do canivete, abre um rombo no couro rijo. Um sorvo de ar fresco reanima-o; um derradeiro esforço, e ele salta fora, dando graças a Deus.

Um débil relincho fá-lo voltar-se. “Malke Tube” agoniza. Samuel ajoelha-se ao lado dela, os olhos cheios de lágrimas.

– “Malke Tube”, minha linda!

Sente que precisa fazer algo. Sobe correndo a Fernandes Vieira, rumo aos Moinhos de Vento. Sabe de um jovem e competente veterinário, filho de um grande fazendeiro, professor da faculdade. Vai trazê-lo, a qualquer preço, para atender sua “Malke Tube”!

Descobre a casa, um palacete sombrio com colunatas de mármore; faz soar nervosamente a campainha. Os criados, surpresos e assustados diante daquele homem desgrenhado, sujo de sangue, não querem acordar o patrão. Samuel livra-se deles e sobe correndo as escadas de mármore.

O veterinário está na cama com a esposa, que grita de terror. Em seu mau português Samuel explica o que aconteceu, pede que ele venha depressa. Impressionado, o veterinário veste-se e apanha sua maleta. Ele e Samuel embarcam numa grande limusine preta, descem a Fernandes Vieira a cento e vinte por hora.

“Malke Tube”, a égua do passado glorioso, a rainha dos arrabaldes, a matadora do cão “Melâmpio”, está à morte. Samuel fala-lhe ao ouvido, promete a melhor grama do Campo do Pólo. “Malke Tube” já não o escuta. Mas, ao ver o veterinário, ela levanta a cabeça. No rosto do jovem doutor reconhece as feições corajosas dos Soares de Castro. Um derradeiro brilho surge nos olhos da égua; um suspiro, e ela morre. Ajudado pelo veterinário, Samuel transporta o corpo para a cocheira.

Começa a amanhecer. Pombas passeiam no leito da rua, bicando grãos caídos entre as pedras. Samuel chora silenciosamente. Enxuga as lágrimas, entra em casa e torna a deitar-se.

Ao despertar, já com o sol alto, não recorda o que aconteceu.

– “Malke Tube” morreu – anuncia Shendl, sem emoção. E Samuel afunda em sua miséria como num mar.

XXIV

Inconsolável, Samuel voltou-se para a gata "Lisl".

A gata era velha e toda branca. Sua função na casa era perseguir um rato cinzento chamado "Mendl", que à noite galopava, gordo e ativo, sobre o forro. Com o decorrer dos anos, dividiram os territórios: abaixo do teto reinava "Lisl"; acima, estava "Mendl". Além disso, o rato tinha permissão de descer duas vezes por dia para se alimentar.

Samuel voltava para casa sujo e cansado; sentava-se na poltrona desconjuntada, tirava os sapatos enlameados e "Lisl" pulava para o seu colo. "Este é o meu melhor momento" – dizia ele, falando em ídiche com a gata. Dava-lhe leite, sob o olhar rancoroso de Shendl, que achava um crime desperdiçar comida com um animal. Antes de deitar Samuel colocava a gata no forno ainda quente do fogão a lenha, para que ela dormisse aquecida. Na manhã seguinte Shendl abria a porta do forno e "Lisl" saía pedindo seu pires de leite. Shendl enxotava-a e acendia o fogão, resmungando contra seu preguiçoso marido. Samuel agora não se levantava antes das nove horas. "De que me adianta?" – dizia. – "Não vendo nada mesmo."

Numa madrugada Shendl acordou com febre e dores nas costas; tentou despertar o marido, mas não conseguiu; mesmo doente, levantou-se e foi para a cozinha. Acendeu o fogo, abanando as débeis chamas que surgiam entre as achas úmidas. Tossia e lacrimejava. Pensou em voltar para a cama, mas Joel já estava de pé, pedindo o café. Samuel roncava; tinha bebido muito na noite anterior. Pelas nove, entretanto, acordou com um cheiro de carne assada a lhe invadir as narinas. "Churrasco!" – pensou. – "Há quanto tempo não havia churrasco aqui em casa!" Levantou-se e foi até a cozinha; Shendl chegava da rua, farejando assustada.

Abriam a porta do forno e lá estava "Lisl", com a cabeça entre as patinhas, assada.

– Ela estava prenhe... – murmurou Samuel, ajoelhando-se.

Shendl murmurava explicações confusas.

– Cala a boca, mulher – disse Samuel.

– A culpa também é tua. Tu...

Agarrando a gata morta pelo rabo, Samuel avançou contra a mulher.

– Toma!

Batia-lhe na cabeça, nas costas. Shendl gritava e procurava se proteger.

– Desgraçada! Mulher estúpida! Não cuidas de nós, miserável!

Shendl fugiu, correndo pela casa. Samuel a perseguia, virando móveis e quebrando louças, surrando-a sem cessar com o corpo da gata. Finalmente o rabo partiu-se e o que restava de “Lisl” voou pela janela. Samuel pendurou o rabo seco sobre sua cama e não falou com Shendl durante uma semana.

Chagall retrata a gata “Lisl”, com rosto quase humano, sentada sobre uma nuvem no céu. Observando-se bem, vê-se que ela não tem rabo.

Desgostoso com a morte de “Lisl”, o rato “Mendl” resolveu abandonar a casa. Desceu a Fernandes Vieira, atravessou a Oswaldo Aranha e chegou até a metade do Parque da Redenção; ali foi morto a pontapés por um pederasta sádico.

XXV

Pobre, Samuel tinha de fazer curiosos cálculos para sobreviver. “Vejam” – dizia ele, examinando os sapatos. – “Se eu sair hoje, talvez consiga vender alguma coisa. Mas talvez não. E quanto de sola gastarei nessa tentativa? E, se tiver de botar uma sola nova, sem ter vendido nada? O prejuízo não será maior? Melhor é não sair”. Ficava em casa.

Foi então que Shendl ganhou na loteria. Quando Dona Iente – sempre a primeira a saber – lhe deu a notícia, correu à sinagoga para agradecer a Deus. Depois foi para casa e contou à família. Joel e Samuel riam e se abraçavam; davam-se tapas nas costas, rolavam no chão de tanto rir; depois, sentaram-se à mesa, os olhos ainda úmidos de lágrimas, para decidir o que fazer com o dinheiro. Resolveram consultar Dona Iente, a viúva empresária. Esta sugeriu a compra de um instrumento de trabalho: um automóvel, para que Samuel pudesse trabalhar em bairros mais distantes, ainda não atingidos pelos crediários.

Na realidade, o dinheiro da loteria não era muito. Deu só para comprar um velho *Ford*. Samuel entrou numa escola de motoristas; por insistência da mulher deixou de beber para dirigir melhor. Não era bom chofer; ao parar o carro puxava a direção como fazia com as rédeas de “Malke Tube”; e confessava a todos que preferia a charrete. O *Ford* era imprevisível. Samuel nunca sabia se a máquina ia pegar nas manhãs de inverno. Frequentemente não pegava e ele tinha de recorrer ao mecânico alemão. Esse sinistro personagem chegava, pousava no chão a caixa de ferramentas, empurrava Samuel para um lado e durante meia hora mexia na máquina até fazê-la funcionar. Resmungava qualquer coisa a respeito do distribuidor. Samuel não entendia nada desses termos técnicos. “Se ao menos ele falasse em ídiche” – dizia à mulher. Além disso tinha um tremendo azar. Os acidentes se sucediam; certa vez, ao descer o morro, resolveu correr mais do que de costume; a tampa do motor

abriu-se com o vento e ergueu-se no ar, tirando-lhe a visão. O carro foi de encontro a um barranco e Samuel quebrou o nariz.

Apesar de tudo, o dinheiro começou a entrar, graças às vendas que Samuel fazia no Morro da Velha.

Um dia desceu as estradas do Morro particularmente satisfeito; tinha vendido vários vestidos rosa com flores verdes e cobrado contas antigas. Foi então que cruzou com um enorme *Chevrolet* verde, todo enfeitado; Samuel reconheceu o antigo carro do seu Álvaro. Ao volante vinha o cabo João Bode.

O cabo também reconheceu o homem que tinha vazado o olho de seu fiel cão "Melâmpio", agora falecido. "Pára, cachorro!" – gritou. Samuel acelerou e fugiu. O cabo deu volta e pôs-se a persegui-lo. Corriam para cima e para baixo nas estradas do Morro, perseguidos por centenas de cães e levantando nuvens de poeira. Os habitantes observavam a perseguição em silêncio, mascando talos de capim. Finalmente os dois carros chegaram a um descampado. Samuel viu que o ponteiro da gasolina estava quase no zero. Um súbito desespero apossou-se dele; "Não fujo mais!" – gritou, e travou o carro. Em seguida fez uma manobra e esperou o *Chevrolet* de frente. O cabo aproximou-se lentamente. Deteve seu carro em frente ao de Samuel e observou o inimigo. Quase ao mesmo tempo os dois engataram uma primeira e avançaram. Os carros chocaram-se em meio ao ruído de ferragens e vidros partindo-se. Recuaram alguns metros, olharam-se de novo e avançaram. Faróis e copos voaram pelos ares, as portas se abriram.

Veze sem conta voltaram a se encontrar como doidos cavaleiros medievais. O *Chevrolet*, maior e mais forte, levou a melhor. O *Ford* estava quase destroçado; os pára-lamas amassados comprimam os pneus, impedindo o carro de se mover.

João Bode partiu rindo. Samuel desceu do auto e contemplou a ruína. Do tanque de gasolina, furado, torrentes de combustível escapavam num manso gorgolejar. "Mas eu tinha gasolina!" – foi a primeira coisa que Samuel pensou. "E o mecânico alemão me

garantiu que o marcador estava bom..." Sentou-se numa pedra, a cabeça entre as mãos. Levaram-no para casa.

Chamado, o mecânico alemão disse que podia consertar o carro, mas que tinha de esperar peças de São Paulo.

Samuel, Shendl, Joel e Nathan revezavam-se na guarda ao veículo. Viram o *Ford* cobrir-se de poeira vermelha; viram os pneus se esvaziar aos poucos, a borracha apodrecendo; viram os nativos do Morro quebrar os vidros a pedradas. E, quando as peças finalmente chegaram, o mecânico examinou novamente o carro e concluiu que já não valia a pena o conserto.

No mesmo dia os grandes rádios a válvula anunciavam em todo o Bom Fim: a guerra tinha terminado.

XXVI

Nas últimas semanas da guerra Joel preocupava-se com Hitler. Temia, com razão, que o ditador pudesse escapar ao castigo. A pedido dele Rafael elaborou uma série de planos para matar Hitler. Entre eles:

– Pintar suásticas nas portas das igrejas, com o nome de Hitler embaixo, para atrair sobre o *Führer* a ira de Jesus Cristo;

– Treinar um exército de animais: *tatus* que avançariam sob a crosta terrestre até o refúgio de Hitler; *pica-paus*, que abririam um buraco na porta; *cobras*, que matariam os guardas; e, finalmente, a liquidação de Hitler estaria a cargo de *abelhas*.

E ainda: veneno na mostarda do cachorro-quente, bombas transportadas por pombos-correios, pandorgas gigantescas com punhais na cauda etc.

A guerra terminou e Hitler desapareceu sem que nenhum desses recursos pudesse ser usado. E a imagem terrível do ditador começou a se atenuar. Ora, diziam alguns, não é verdade o que contam, que Hitler extraiu com a ponta da baioneta o olho de uma criança de dois anos, pondo-o na boca e fazendo-o estalar entre a língua e os dentes como se fosse uma uva. Disporia Hitler de uma baioneta? Como teria arrancado o olho sem vazá-lo? Será que ele gostava de uva?

Uma tarde Joel vai caminhando pela Avenida Oswaldo Aranha quando o vê – Hitler. Está sentado num bonde J. Abott, junto à janela. Mais velho, com o bigode maior – mas é Hitler; indiscutivelmente é Hitler.

Lentamente ele volta a cabeça e olha para Joel. Durante um minuto encaram-se. Depois o bonde parte rumo a Petrópolis.

Joel chega em casa pálido e tremendo; vomita. A mãe precipita-se sobre ele, arrasta-o para a cama, aplica-lhe um clister. A água tépida marulha docemente no intestino de Joel, limpa-o, mas ele não melhora. Tirita sem cessar. Vem o Dr. Finkelstein, diagnostica uma

infecção e, depois de dois dias de luta, salva-o com o novo remédio: sulfa.

Joel, porém, já não é o mesmo. Emagreceu, tem o olhar esgazeado. Carregando dentro de si um segredo que não pode revelar, anda pela casa como um sonâmbulo. A mãe enche-o de caldos fortes, amarra-lhe um pano à cabeça.

Joel, finalmente, tem alta e sai para a rua. É um dia de primavera e ele caminha sem destino pelas ruas do Bom Fim. Os amigos o cumprimentam, convidam-no para jogar, mas ele faz como Nathan, sorri apenas, e não responde.

É então que vê Hitler pela segunda vez; está na parada do bonde. Joel detém-se, o coração batendo forte. O bonde aproxima-se; é Petrópolis, Hitler vai tomá-lo.

Joel é um convalescente, sabe que sua saúde não pode correr riscos. Mesmo assim, avalia rapidamente a situação e decide-se. Quando o bonde arranca ele já está dentro, escondendo-se entre as pernas dos passageiros, controlando Hitler furtivamente.

No fim da linha, Hitler desce. Um velho caminhão está estacionado numa rua lateral. Hitler entra na cabina, senta-se ao lado do motorista; Joel sobe atrás, esconde-se perto do gasogênio, cobre-se com uma velha lona. Está escuro ali, quentinho como um ventre. O caminhão arranca. O coração de Joel bate forte; duas vezes ele ousa espiar: na primeira, o caminhão está passando pelas Três Figueiras; na segunda, aproxima-se do Morro da Velha.

O caminhão sobe lentamente o morro pelas estradas esburacadas. Finalmente detém-se. Joel olha: é um velho palacete, com colunatas de mármore. O portão está fechado com um cadeado enferrujado. Há uma pequena piscina, com poças de água pútrida, onde flutuam sapos mortos. A impressão é de abandono, mas Joel não se engana; conhece a astúcia nazista.

Quando anoitece ele salta do caminhão e se aproxima da casa. Escala um muro e espia; através de uma janela de vidros sujos e

quebrados distingue vultos, iluminados por um candeeiro. Hitler reunido com seus asseclas. Na parede, a cruz gamada. Hitler fala, gesticula. Todos levantam o braço: *Heil!*

Um guarda aproxima-se do local onde Joel está. Do alto do muro, ele salta sobre o nazi, domina-o, tira-lhe o revólver, prostra-o com uma coronhada. Pé ante pé aproxima-se da entrada. "Agora!" – murmura para si mesmo. Põe a porta abaixo com um pontapé, entra correndo e disparando. Gritos. Uma explosão. Uma fumaça acre enche a casa...

Finalmente, um vulto sai de lá, cambaleando...

Quem, senão Joel? Quem, senão Joel, que segura o ombro ensangüentado, mas sorri mesmo assim? Quem, senão o Rei e Capitão?

É noite.

Joel volta para casa. À porta está o pai, chorando. Joel corre para ele. Nathan morreu.

Nathan, a pálida criatura, o ser alado, tivera uma hemoptise fulminante tocando *A idische Mame*. Na mesa da cozinha está o violino manchado de sangue.

Velam em silêncio o pequeno cadáver. Joel, Shendl, Samuel, o padeiro Shime, Alberto, Rafael, Dudi, Miguel, o Dr. Finkelstein, Raquel, Rute, Jean, Elias; Motl Liberman, que depois se tornou dentista.

XXVII

Demoliram a casa de Obe, o "Torto", demoliram a casa de Favinho, Fábio Blumenfeld, demoliram a fábrica de móveis de Benjamim. Construía edifícios, dezenas de edifícios pelo Bom Fim, prédios de oito apartamentos distribuídos em quatro pisos, com fachada de granitina rosa ou amarela, e nomes de mães judias: Edifício Iente, Edifício Chava. Os habitantes do Bom Fim atravessavam a fronteira, a Avenida Oswaldo Aranha, e iam habitar ao sul do Bom Fim, em ruas recém-urbanizadas: Augusto Pestana, Jacinto Gomes, parte nova da Ramiro Barcellos, em frente ao Campo do Pólo, onde os cavalos não mais pastavam. E subiam em direção a Petrópolis, ao Alto Petrópolis. Pela manhã desciam ao centro, onde estavam as lojas de móveis e eletrodomésticos, os escritórios de representações, as imobiliárias. Iam e voltavam de automóvel, não mais de bonde ou charrete.

Joel terminou o ginásio no Júlio de Castilhos; sua voz ficou grossa e ele tinha certos sonhos. Ficava fora de casa até muito tarde. Uma noite, quando voltou, encontrou a porta de casa escancarada, as luzes acesas, os móveis virados; soube de vizinhos que sua mãe tivera um ataque de nervos e fora levada para o Pronto Socorro. Joel correu para o hospital; falou com uma enfermeira chamada Marieta. Essa mulata sensual lhe disse sorrindo que Shendl fora levada para um hospital psiquiátrico.

Lá, Joel encontrou a mãe cantando em iídiche, falando docemente com Nathan e xingando a gata "Lisl". "Pobre mãe", pensou Joel, as lágrimas correndo entre as espinhas do rosto.

Samuel e Joel. Uma mulher vinha da antiga Colônia Africana e fazia comida para eles, resmungando. Comiam em silêncio e sem apetite. A mulher lavava os pratos, arrumava um pouco a casa e se ia. Eles ficavam sentados à mesa. Falavam pouco. Às vezes jogavam pif-paf, mas tinham de parar porque Samuel começava a chorar. Deitavam-se, mas não dormiam. Sobre o teto já não corria o rato "Mendl"; ouviam apenas a casa ranger e estalar com o vento. Lá

fora, na escuridão, os espíritos bailavam: Nathan tocando violino; Macumba com a marmitta na mão; “Malke Tube”; Marcos, de braços e pernas finos e secos como patas de barata. “Tenho de ficar rico” – pensou um dia Joel. “Meu Deus, tenho que ficar rico. A pobreza mata”.

XXVIII

Joel começou a trabalhar com Ely na venda de jóias. Pensava em entrar para a faculdade, mais tarde, mas agora precisava de dinheiro. Encontrava-se com o levantino no Serafim; dividiam a mercadoria e saíam a percorrer a clientela. As freguesas gostavam do cabelo ruivo de Joel, de seus olhos verdes. “Exótico” – diziam. O dinheiro começou a entrar.

Joel e o pai tiveram de sair da casa na Fernandes Vieira. O proprietário ia construir um edifício. Joel alugou um apartamento no centro, pequeno, mas com um sofá vistoso, toca-discos e um bar com bebidas estrangeiras. Samuel chorou quando fizeram a mudança. Estava velho, já tinha cabelos brancos e tremia um pouco. Não gostava de novidades. Uma noite, já no novo apartamento, acordou ouvindo risos abafados. Foi até o quarto do filho. A porta estava fechada. Espiando pela fechadura, viu-o na cama com duas morenas.

– Duas! – murmurou assombrado. – E *goim!*

No dia seguinte disse a Joel que ia se mudar. Alegou que não gostava de elevadores e pediu ao filho que lhe arranjasse uma casinha no Bom Fim.

– Não há mais casinhas no Bom Fim – disse Joel impaciente. – Só edifícios.

Apartamento, o pai não queria. Joel acabou por arranjar-lhe uma casinha como ele desejava – mas longe, no sopé do Morro da Velha. Era de madeira e tinha quatro peças. Todos os dias uma mulher descia do morro para fazer a limpeza. Samuel zanzava pela casa; a mulher afastava-o impaciente.

Por aquela época chegou da Europa um primo de Samuel, sobrevivente dos campos de concentração, onde perdera toda sua família. Era um homem soturno, atormentado por tiques nervosos; conservara tatuado no braço o seu número do campo.

Tinha uma mania: não entrava em *Volkswagen*; nem em *DKW*, nem em *Mercedes-Benz*, *Ford*, *Chevrolet*, *Renault*, *Citröen*, *Volvo*, *Skoda* e até mesmo *Fiat* – todos estes ele admitia. No início não tinha problema em andar de automóvel, mas aos poucos os *Volkswagen* foram se multiplicando e os *DKW* não ficavam muito atrás. Tornou-se difícil encontrar um táxi que não fosse *Volkswagen*; optou por andar sempre de ônibus, mas uma vez verificou, apavorado, que quase embarcara num *Mercedes Benz*. Nesta situação quase não saía de casa, a não ser para andar a pé. Caminhando por sua rua descobriu que a farinha era entregue à padaria num caminhão *Mercedes-Benz* e que o supermercado tinha uma frota de *Kombis*. O dono da mercearia andava numa perua *DKW* cuja máquina, segundo afirmava, era a original alemã. A comida lhe repugnava e ele só se alimentava de ovos (tinha um galinheiro nos fundos de casa). Não lia jornais nem ligava a televisão, para não ver as propagandas do *Karmann-Ghia* e do *Fissore*.

À noite caminhava pela casa sem poder dormir, o rosto molhado de suor; e, quando finalmente conseguia adormecer, as buzinas despertavam-no sobressaltado. Pensava muitas vezes em morrer, mas, dizia para si mesmo (e até ria), sei que no dia do enterro a empresa funerária vai estrear um novo carro e posso até imaginá-lo! uma grande limusine preta, marca *Mercedes-Benz*.

Joel quis que o pai fosse morar com esse parente. Samuel recusou, dando como motivo a esquisitice do outro. Preferia morar sozinho; distraía-se lendo, nos jornais em ídiche, notícias sobre o Estado de Israel. Lá, em 1948, tinham formado dezoito novas colônias agrícolas em uma noite. Dezoito! E Israel tinha vencido sete países árabes na Guerra de Libertação. Samuel sentia-se orgulhoso. Quando visitava Shendl no hospital falava-lhe sobre Israel, mas a mulher nem sequer o ouvia; passava agora o tempo ninando um boneco de pano a que chamava de Nathan.

Aos domingos pela manhã Samuel tomava um ônibus e descia na frente do Serafim. Ali encontrava muitos amigos: um *polisher* aqui, um *litvak* ali, um *galitzianer* mais adiante, um grupo da Bessarábia.

Mãos enterradas nos bolsos das japonas, chapéus no alto da cabeça, nucas avermelhadas, conversavam sobre política, comércio, Círculo, Grêmio Esportivo, Estado de Israel. Samuel ia de um grupo a outro perguntando, não sem aflição:

– Tens visto Joel? Ele tem amantes?

Ia à sinagoga por ocasião do *Rosh Hashana* e do *Iom Kipur*, pedia perdão por seus pecados em voz alta e aguda. Às vezes esmurrava o peito, depois a cabeça, depois rolava pelo chão. Levavam-no para fora, pediam que se acalmasse.

Chorava também quando assistia às comemorações pelo *Iom Hagueto*, o dia em que se relembra a resistência dos judeus no gueto de Varsóvia. Havia solenidades em vários lugares, oradores convidados usavam da palavra.

– Vocês, judeus – dizia um deputado – foram heróis. Quem resistiu nas casas em chamas do gueto de Varsóvia salvando a honra da humanidade?

Ninguém respondia.

– Vocês, judeus – afirmava o orador. – E quem soube recobrar-se valorosamente dessa chacina?

Novo silêncio.

– Vocês, judeus!

Samuel soluçava alto. “Silêncio”! – gritava o público. Levavam-no de volta para o Morro da Velha.

XXIX

Dos nazistas, o único sobrevivente na batalha de Capão da Canoa foi um soldado chamado Ralf Schmidt. Estava junto aos cômodos e foi dos que mais sofreram: o Homem-Montanha aplicou-lhe uma chave de braço; Barney Ross acertou-lhe dois ou três *jabs*, “Malke Tube” deu-lhe uma patada no peito, e finalmente a explosão de uma granada lançada por Joel atirou-o ao mar, para além da rebentação. Lá ficou Ralf Schmidt a boiar, meio inconsciente, enquanto seus companheiros eram exterminados. Uma corrente marinha arrastou-o, e pela madrugada ele deu a uma praia deserta. Ali ficou vivendo; construiu uma toca na areia e alimentava-se de minúsculos animais marinhos.

Um dia o vento arremessou-lhe ao rosto um pedaço de jornal; era da *Folha da Tarde* e mostrava fotografias da rendição dos alemães. Inquieto, Ralf Schmidt saiu a caminhar. Encontrou uma estrada e andou por ela, até chegar à cidade de Porto Alegre.

Nessa cidade Ralf Schmidt tinha um irmão. Conseguiu descobrir a casa onde ele morava. Foi recebido pela cunhada, que o tratou mal e disse que não podia recebê-lo, porque ia para Torres tomar banhos de sol.

O ex-soldado foi morar no sopé do Morro da Velha, estabelecendo-se com bar e armazém. Os vizinhos conheciam-no pelo apelido de “Alemão”; era um homem calvo, gordo, de aguados olhos azuis. Usava um avental muito limpo e falava pouco, especialmente sobre seu passado.

Depois de algum tempo casou-se com Maria, a bela empregada do bar. Com suas irmãs Marieta e Madalena, Maria formava o trio das mulatas sensuais. Essa mulher alta e enérgica deu-lhe três filhos: Fritz, Johan e Peter. Só o pai os chamava por estes nomes, mas evitava fazê-lo na presença de estranhos. Todas as pessoas, inclusive a mãe, os conheciam por Francisco, João e Pedro. Tinham entre si pequenas diferenças de idade. Eram parecidos com o pai, loiros, de olhos azuis e bocas caídas. Eram muito apegados a Ralf;

nas noites de inverno fechavam a porta do bar e sentavam-se para tomar chope – mesmo o pequeno Peter, que tinha apenas oito anos. Nessas ocasiões o pai relembrava passagens da Segunda Guerra Mundial; e seus olhos se enchiam de lágrimas ao narrar a batalha de Capão da Canoa. Os filhos ouviam em silêncio, tomando o chope a pequenos goles. A mãe nunca participava nessas reuniões; estava com o vizinho, um jovem mulato que era chofer de táxi e morava sozinho. Ao cair da noite ela pulava a cerca de madeira que separava as duas casas e desaparecia. Voltava de madrugada, cambaleando e cantando alto. Ralf Schmidt nada dizia, mas seu rosto se fechava. Os filhos comentavam:

- O pai sofre.
- Ele não merece, foi um soldado valente.
- Essa mulher é má.

Temiam-na e ficavam em silêncio quando ela se aproximava.

Breve seria o aniversário de Ralf Schmidt. Os filhos queriam lhe dar um presente – algo que o indenizasse dos sofrimentos. Discutiam a respeito. Johan, o mais inteligente dos três, teve uma idéia...

Na mesma rua morava um velho judeu chamado Samuel. Era um homem trêmulo e esquisito; costumava entrar no bar para insultar Ralf Schmidt; cuspiam no chão e saía falando alto, na língua dos judeus. Ralf Schmidt suportava as ofensas do velho; explicava aos filhos que não queria complicações e dava a entender que tinha boas razões para isso. Mas os rapazes percebiam que o pai se continha a custo.

O aniversário de Ralf Schmidt coincide com o primeiro dia de carnaval. Ao cair da noite descem do Morro da Velha os primeiros blocos. Os foliões, em alegres fantasias coloridas, passam pelo bar a caminho da cidade. Ralf Schmidt está atrás do balcão, suando muito e servindo cerveja. Não gosta do carnaval; teme que os fregueses bebam demais e depredem o estabelecimento. Por volta das onze, Maria aparece, vestida de cigana, e diz que vai sair. O mulato,

fantasiado de índio Charrua, espera-a na rua. Lá dentro os meninos se disfarçam também, de bandoleiros. Colocam lenços escuros no rosto. Depois saem também.

É tarde, mas há muita gente na rua. Os três correm entre os foliões, chegam à casa do velho Samuel. Batem à porta com violência.

– Quem é? – pergunta o velho, sem abrir a porta.

– Polícia! Gestapo!

O velho aparece, de bengala na mão. Fritz empurra-o para dentro. Entram e fecham a porta. Amarram Samuel, amordaçam-no.

– Agora – diz Fritz, ofegante – vamos sair. Tu vais com a gente, velho. E não tenta bancar o espertinho, ouviste? Porque eu te degolo.

Introduz a mão sob a blusa e extrai uma faca comprida, afiada – a faca que o pai usa para cortar presunto.

Johan bota no rosto de Samuel um lenço parecido ao que usa.

– Assim ficamos parecendo um bloco de carnaval.

– Boa idéia – aprova Fritz.

Saem à rua, misturam-se à multidão. Um soldado os olha.

– Pula, velho – diz Fritz ao ouvido do velho, espeta-o disfarçadamente com a faca. Apavorado, Samuel se põe a pular desajeitadamente. E pulando e trotando os quatro chegam ao bar. Já está fechado.

– O pai deve estar dormindo.

– Não faz mal. Depois a gente chama ele. Entram pelo portão do lado, dirigem-se ao pátio dos fundos.

Avançam em silêncio entre o capim crescido. Finalmente, detêm-se diante da churrasqueira. Foi Maria, grande apreciadora de carne assada e bem temperada, que mandou construí-la. É enorme, tem uma grade de ferro e uma chaminé.

– Te lembras do forno crematório, judeu? – pergunta Johan, piscando o olho para os irmãos. O velho luta desesperadamente para

escapar.

– Acendam o fogo – diz Johan. – Depois podem chamar o pai, para ele ver a lição que estamos dando a este velho sem-vergonha.

Está tudo preparado: há gravetos, lenha, uma lata de querosene. Logo as chamas se elevam. Os três trocam gracejos e riem.

De repente o velho escapa e sai correndo pelo pátio. Não vai longe, porém: tropeça e cai. Os irmãos encontram-no de borco no capim. Fritz vira-o; à luz da Lua notam um grande ferimento na testa, no lugar onde ele batera numa pedra.

– Está morto? – pergunta Johan.

– Está – a voz de Fritz é trêmula.

– Mas nós só queríamos assustar ele, não é, Fritz? Só assustar. E mostrar ele assustado para o pai. A gente só queria que o pai se divertisse, não é? – Johan está apavorado. – E agora? Se a polícia descobre? E se faz perguntas ao pai?

Fritz não responde. Está pensando.

– Temos de esconder o velho – diz por fim.

– Onde?

– Lá, perto da churrasqueira.

O pequeno Peter começa a chorar. Fritz manda que ele entre em casa. Levam o corpo para junto da churrasqueira, examinam-no à luz das chamas. Está mesmo morto, constata Fritz, e, apertando os lábios, puxa a faca.

– Que vai fazer? – pergunta Johan, assustado.

– Cortar em pedaços pequenos.

– Para quê? – Johan recua.

– Fica mais fácil de esconder – diz Fritz bruscamente. – Nós temos de fazer isto, não vê? Pensa no pai.

Tiram a roupa do velho, jogam-na às chamas. Os braços balançam no ar, batem no rosto deles. Estendem o corpo sobre a grande mesa de madeira. Johan, nauseado, vê – como num

pesadelo – Fritz cortar a cabeça do velho e guardá-la num saco de aniagem. Respira fundo.

– Vai ser difícil arrancar as pernas. A gente precisava de uma serra para os ossos. Posso ir buscar.

– Não precisa. Eu desosso ele que nem galeto.

– Mas ele é muito maior. – O mal-estar de Johan está passando; é substituído aos poucos por uma espécie de fria curiosidade.

– Os ossinhos são fracos como os de galeto. Olha como arranco a coxa toda. – Fritz sobe na mesa para trabalhar melhor.

À luz das chamas Johan nota uma saliência nas calças do irmão.

– Estás de pau duro, Fritz! Já és homem! – diz, admirado.

– Não sabias?

Calam-se; ouviram um ruído. Um vulto aparece sobre a cerca e pula para o pátio com uma praga abafada.

– É a mãe – murmura Johan.

– Esconde o saco; não, deixa que eu escondo. Apaga o fogo.

Maria avista-os, caminha para eles cambaleando.

– Ué, vocês ainda estão acordados, sacaninhas? Que estão fazendo aí?

Olha as postas sangrentas, maravilha-se:

– Ah! Estão fazendo churrasco!

Os irmãos não respondem.

– Muito bem! Até que um dia aprenderam alguma coisa que prestasse.

Fritz e Johan a olham. Maria ri.

– Então! Sai churrasco ou não sai? Botem a carne no fogo! E temperem bem.

Os rapazes hesitam.

– Como é? – insiste ela, sentando-se.

Fritz e Johan põem-se a trabalhar, enfiando nacos de carne no espeto. A mãe deixa cair a cabeça sobre a mesa e ronca sonoramente. Às vezes acorda resmungando:

– Como é? É para hoje?

Os rapazes trabalham em silêncio.

As luzes da casa se acendem, a porta dos fundos se abre e Ralf Schmidt aparece, gritando:

– Quem está aí?

– Vem para cá, Ralf! – Maria dá uma risada. – Teus filhos estão fazendo churrasco, homem!

Ele se aproxima, desconfiado. Maria dá um tapa na testa:

– Ah! Agora já sei para quem é o churrasco! É para ti, Ralf! Estás de aniversário!

– É verdade... – diz o marido, ainda ressabiado.

– É o teu aniversário, sacana! – Maria ri. – E eu nem me lembrava! Mas os teus filhos não esquecem!

Subitamente enraivecida, dá um murro na mesa.

– Do meu aniversário eles nunca se lembram! Do teu, sim. Eles se consideram *teus* filhos, não meus! É tudo alemão como tu!

Gotas de gordura caem crepitando sobre as brasas.

– Quero comer! – berra Maria.

Vai até a churrasqueira cambaleando, corta um pedaço de carne, morde-o com vontade.

– Ui! Está quente!

Olha o marido e os filhos:

– Por que estão parados aí, seus molengas? Vamos sentar e comer! Não é todo dia que tem churrasco aqui!

Ocorre-lhe uma idéia:

– Francisco! Vai chamar o nosso vizinho! E tu, João, traz o Pedro. Ele é pequeno, mas também merece um bom churrasco. Caminha, guri!

Todos se movem ativamente. Maria vai até a cozinha, traz pratos, talheres e cerveja. O chofer aparece um pouco constrangido:

– Boa-noite...

– Cumprimenta meu marido – diz Maria. – Está de aniversário.

– Meus parabéns, Alemão. – Aponta para a carne. – É de ovelha?

– Para que queres saber? – a mulher ri, piscando o olho. – A cavalo dado não se olha o dente.

Sentam-se à mesa. Maria come com apetite.

De repente Fritz se levanta, seu rosto se contrai, ele solta um gemido agudo.

– Senta, animal! – grita Maria irritada. Mas logo se arrepende e pergunta, solícita: – Está sentindo alguma coisa, meu filho? Vai ver que a carne fez mal para ele, coitado. Não está acostumado. Também, nesta casa nunca se faz churrasco: eu sabia que assim as coisas não iam terminar bem.

Fritz explode de dor. Grita, corre de um lado para outro como uma fera enjaulada, empunhando a faca de churrasco, como se fosse uma espada.

– O gládio de Deus! – berra, com os olhos arregalados, e ninguém entende o que ele está falando.

XXX

Tendo conhecido a turma de Mali e Lúcio, Joel foi convidado a ir para Torres com eles; isso era muito significativo. “Estou começando a subir na vida” – pensou Joel, satisfeito. Era o primeiro dia do carnaval; Joel colocou seus óculos escuros espanhóis e foi no carro de Mali. Ela não passava de uma loirinha de nariz arrebitado, mas o carro-esporte era importado e voava pela estrada. Na praia, Joel abraçou-a; ela topou. Quando vestiu o maiô e correu para a água, Joel examinou-a, concluindo com satisfação: “Não é ruim de corpo! E pode até ser pernetta, com a nota que ela tem”. Entrou no carro, ligou o rádio a todo o volume: “Meu Deus do céu, isto é que é vida”. Voltaram a Porto Alegre e à noite foram ao Clube pular um pouco. Joel não era sócio; teve de dar uma gorjeta ao porteiro e ficou sem dinheiro. Sentado na mesa ficou imaginando um modo de não pagar a despesa. Resolveu pedir um bife bem grande e sangrento; esperava que as energias do animal, agora jazendo em seu prato, lhe impregnassem as fibras e lhe dessem coragem. “Meu pai faz churrasco muito bem” – murmurou-lhe Mali ao ouvido. Joel tomou uísque puro e sentiu-se mal. “Ele está verde” – disse a esposa de Lúcio. “Não tem dinheiro para pagar a conta” – ajuntou Lúcio, e todos riram. Lúcio era o irmão mais velho de Mali, e veterinário. Joel achava que podia confiar nele, mas não tinha certeza.

Joel acompanhou Mali até a casa, um sombrio palacete de colunatas de mármore nos Moinhos de Vento. No jardim, Mali falou sobre sua vida. Joel a ouviu olhando para a piscina: na água límpida flutuava um sapo morto. Sempre fui infeliz, dizia Mali. E contava: o pai não ligava aos filhos; só pensava numa égua chamada “Maliciosa”, animal misterioso que jamais alguém havia visto. Quantos cavalos teria o carro-esporte? – pensava Joel. O meu próprio nome, dizia Mali, é uma homenagem a essa égua maldita: duas sílabas do nome dela.

Mali contou ainda que seu grande sonho era fazer carreira como cantora de televisão, mas que a família era contra. Disse que uma

vez seu pai lhe batera tanto que ela ficara com dor nas costas uma semana e que desde então suas regras não vinham mais no dia certo. Dizia isso e chorava. “Ela está gambá” – pensou Joel. – “E eu estou de saco cheio.” Mas olhou para a moça e, sentiu-se cheio de ternura por aquela criaturinha frágil. Abraçou-a. Deitaram-se na grama ainda quente. A mão dele se introduziu sob a blusa dela; ela fechou os olhos, arfando; ele se deitou sobre ela...

Quando se levantaram, Mali disse que era melhor que ele não aparecesse mais; que compreendesse – eram de ambientes diferentes e ela não queria fazê-lo sofrer. Continuariam amigos, nada mais.

Joel caminhou até seu automóvel, que estava estacionado mais adiante – um *Karmann-Ghia*. “Quem deve ter um *Karmann-Ghia*?” – perguntavam os anúncios da época. – “Pode ser um engenheiro. Ou um economista. General ou industrial.” Joel deu a partida e arrancou lentamente, sem saber para onde ir. Desceu a Rua Fernandes Vieira. Começava a amanhecer. Joel olhou uma pomba pousada sobre o asfalto. Imóvel, ela fixava nele um olho duro como um grão. Joel passou entre os edifícios adormecidos, ouvindo os ecos de grandes batalhas. Olhou o relógio: “São cinco horas e tudo vai bem” – murmurou. – “A guerra terminou”.

Subiu o Caminho do Meio; passou por Petrópolis e as Três Figueiras, olhando palacetes e edifícios. De repente sentiu vontade de tomar um chimarrão com seu pai, um mate bem amargo, sem balas de mel. Falariam sobre Shendl e Nathan, sobre “Malke Tube” e “Melâmpio”, sobre Iente, Rosa e Raquel, sobre o Colégio Iídiche, sobre *kneidlech* e *latkes*. Cantariam em iídiche e dançariam como as casinhas da Avenida Cauduro em seu sonho. E falariam sobre todos, os vivos, e também os mortos: “Que importa se morreram? Guerra é guerra!”

Sobre o autor

Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre, em 1937. Era o filho mais velho de um casal de imigrantes judeus da Bessarábia (Europa Oriental). Sua mãe incentivou-o a ler desde pequeno: Monteiro Lobato, Erico Verissimo e os livros de aventura estavam entre seus preferidos. Mas foi um presente de aniversário que o despertou para a escrita – uma velha máquina de escrever, onde datilografou suas primeiras histórias. Ao ingressar na faculdade de medicina, começou a escrever para o jornal *Bisturi*. Em 1962, no mesmo ano da formatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, publicou seu primeiro livro, *Histórias de um médico em formação* (contos). Paralelamente à trajetória na saúde pública – que lhe permitiu conhecer o Brasil nas suas profundezas –, construiu uma consolidada carreira de escritor, cujo marco foi o lançamento, em 1968, com grande repercussão da crítica, de *O carnaval dos animais* (contos).

Autor de mais de oitenta livros, Scliar construiu uma obra rica e vasta, fortemente influenciada pelas experiências de esquerda, pela psicanálise e pela cultura judaica. Sua literatura abrange diversos gêneros, entre ficção, ensaio, crônica e literatura juvenil, com ampla divulgação no Brasil e no exterior, tendo sido traduzida para várias línguas. Seus livros foram adaptados para o cinema, teatro, TV e rádio e receberam várias premiações, entre elas quatro Prêmios Jabuti: em 1988, com *O olho enigmático*, na categoria contos, crônicas e novelas; em 1993, com *Sonhos tropicais*, romance; em 2000, com *A mulher que escreveu a Bíblia*, romance, e em 2009, com *Manual da paixão solitária*, romance. Também foi agraciado com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (1980) pelo romance *O centauro no jardim*, com o Casa de las Américas (1989) pelo livro de contos *A orelha de Van Gogh* e com três Prêmios Açorianos: em 1996, com *Dicionário do viajante insólito*, crônicas; em 2002, com *O imaginário cotidiano*, crônicas; e, em 2007, com o

ensaio *O texto ou: a vida – uma trajetória literária*, na categoria especial.

Pela L&PM Editores, publicou os romances *Mês de cães danados* (1977), *Doutor Miragem* (1978), *Os voluntários* (1979), *O exército de um homem só* (1980), *A guerra no Bom Fim* (1981), *Max e os felinos* (1981), *A festa no castelo* (1982), *O centauro no jardim* (1983), *Os deuses de Raquel* (1983), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), *Cenas da vida minúscula* (1991), *O ciclo das águas* (1997) e *Uma história farroupilha* (2004); os livros de crônicas *A massagista japonesa* (1984), *Dicionário do viajante insólito* (1995), *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar* (1996) e *Histórias de Porto Alegre* (2004); as coletâneas de ensaios *A condição judaica* (1985) e *Do mágico ao social* (1987), além dos livros de contos *Histórias para (quase) todos os gostos* (1998) e *Pai e filho, filho e pai* (2002), do livro coletivo *Pega pra kaputt!* (1978) e de *Se eu fosse Rothschild* (1993), um conjunto de citações judaicas.

Scliar colaborou com diversos órgãos da imprensa com ensaios e crônicas, foi colunista dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Zero Hora* e proferiu palestras no Brasil e no exterior. Entre 1993 e 1997, foi professor visitante na Brown University e na University of Texas, nos Estados Unidos. Em 2003, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em Porto Alegre, em 2011, aos 73 anos.

Confira entrevista gravada com Moacyr Scliar em 2010 no site **www.lpm-webtv.com.br**.

Este livro foi publicado em primeira edição pela L&PM Editores,
em formato 14x21 cm, em 1981

Capa: Marco Cena

Revisão: Delza Menin e Cintia Moscovich

S419g

Scliar, Moacyr, 1937-2011

A Guerra no Bom Fim / Moacyr Scliar -- Porto Alegre: L&PM,
2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 109)

ISBN 978.85.254.2322-1

1. Romances brasileiros. I. Título. II. Série.

CDD 869.93

CDU 869.0(81)-3

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329

© Moacyr Scliar, 1972, 2004

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-
5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**

Fale conosco: **info@lpm.com.br**

www.lpm.com.br